



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

KARLA CRISTINA ALVES ROBERTO

ARTE, CRIATIVIDADE E DESAFIOS: A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE
TATUADORAS

FORTALEZA

2019

KARLA CRISTINA ALVES ROBERTO

ARTE, CRIATIVIDADE E DESAFIOS: A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE
TATUADORAS

Monografia apresentada ao Curso de Administração do Departamento de Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Cristina Batista de Lima.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R548a Roberto, Karla Cristina Alves.
Arte, Criatividade e Desafios : A Socialização Profissional de Tatuadoras / Karla Cristina Alves Roberto.
– 2019.
77 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Tereza Cristina Batista de Lima.

1. Socialização Profissional. 2. Mulheres Tatuadoras. 3. Mercado de Trabalho. I. Título.

CDD 658

KARLA CRISTINA ALVES ROBERTO

**ARTE, CRIATIVIDADE E DESAFIOS: A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE
TATUADORAS**

Monografia apresentada ao Curso de Administração do Departamento de Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Cristina Batista de Lima.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tereza Cristina Batista de Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Elidihara Trigueiro Guimarães
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Suzete Suzana Rocha Pitombeira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos Ana, Bárbara e João Vitor que me ajudaram e me preencheram de confiança nesse processo.

Ao meu irmão Márcio Henrique, pelo amor, suporte emocional, otimismo e paciência.

Ao meu pai Márcio, por estar sempre disposto a mover o mundo para me proporcionar todo suporte que preciso e, principalmente, pelo amor do tamanho do céu.

À minha mãe Kelly, mulher mais incrível desse mundo e minha referência de ser humano, por ser minha fortaleza, pelo amor e pelas garrafas de café.

A todas tatuadoras que me concederam as entrevistas, pela solidariedade e atenção.

À professora Tereza Cristina Batista de Lima, pela orientação e, especialmente, pela preocupação com o meu bem-estar e satisfação durante o desenvolvimento do trabalho.

À professora Elidihara Trigueiro Guimarães e à professora Suzete Suzana Rocha Pitombeira, pela disponibilidade e contribuição na participação da banca.

As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosas, mas estaremos de punho cerrado, falando do nosso lugar de existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas. (Marielle Franco)

RESUMO

O presente estudo objetivou verificar como ocorre a socialização profissional de tatuadoras da cidade de Fortaleza/CE. Utilizando-se das três fases do modelo de socialização profissional de Hughes (2016), “passagem através do espelho”, “instalação da dualidade” e “ajuste da concepção em si”, buscou compreender como ocorre a inserção de mulheres no mercado de tatuagens, verificar como a tatuadora assimila sua vida profissional e entender qual a percepção que se tem sobre sua carreira e identidade profissional. Para tanto, foi implementada uma pesquisa qualitativa, mediante entrevistas semiestruturadas com 16 tatuadoras, cujos dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Como resultados obteve-se que o desenho e o interesse por tatuagem em si foram aspectos essenciais para a inserção das entrevistadas no ofício. Verificaram-se, também, alguns conflitos entre o modelo ideal e o real da profissão, em razão dos estigmas da tatuagem e da visão estereotipada de tatuador. E, por fim, notou-se que as tatuadoras enfrentam bastantes dificuldades com machismo e subestimação, contudo, elas estão realizadas com essa atividade e buscam maior reconhecimento e valorização.

Palavras-chave: Socialização Profissional. Mulheres Tatuadoras. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

This study aimed to verify how the professional socialization of female tattoo artists in the city of Fortaleza/CE. Using the three phases of Hughes's (2016) model of professional socialization, "passing through the mirror", "installing duality" and "adjusting the display itself", try to understand how women enter the tattoo industry, check how the female tattoo artist assimilates her professional life and understands her perception of her career and professional identity. Therefore, a qualitative research was implemented through semi-structured interviews with 16 female tattoo artists, whose data were analyzed using the content analysis technique. As recorded results, if the design and interest in tattooing are the same essential aspects for the insertion of interviews. There were also some conflicts between the ideal and the real model of the profession, due to the stigmata of the tattoo and the stereotypical vision of the tattoo artist. And finally, it was noted that female tattoo artists face a lot of difficulties with male chauvinism and underestimation, however, they are satisfied with this activity and seek greater recognition and appreciation.

Keywords: Professional Socialization. Female Tattoo Artists. Job Market.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Blocos do roteiro da entrevista.....	38
Quadro 2 – Categorias de Análise, unidades de contexto e unidades de registro.....	39
Quadro 3 – Caracterização das entrevistadas.....	41
Quadro 4 – Estilos de tatuagem.....	42
Quadro 5 – Perfil dos clientes.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Relação entre as categorias de análise e as unidades de contexto.....	44
Figura 2	– Motivações.....	45
Figura 3	– Habilidades/aptidões.....	48
Figura 4	– Inserção.....	51
Figura 5	– Modelo idealizado.....	53
Figura 6	– Modelo real.....	55
Figura 7	– Dificuldades/incômodos.....	58
Figura 8	– Identidade profissional.....	61
Figura 9	– Abandono de estereótipos.....	63
Figura 10	– Carreira.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEO	<i>Chief Executive Officer</i> (Diretor Executivo)
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT	Organização Internacional do Trabalho
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Contextualização	12
1.2	Justificativa	13
1.3	Objetivos da pesquisa	15
<i>1.3.1</i>	<i>Objetivo geral</i>	15
<i>1.3.2</i>	<i>Objetivos específicos</i>	15
1.4	Organização da monografia	15
2	A TATUADORA NO MERCADO DE TRABALHO	17
2.1	A mulher no mercado de trabalho	17
2.2	Os desafios do mercado de tatuagem para mulheres	23
3	SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL	28
3.1	O processo de socialização e a construção da identidade	28
3.2	A socialização profissional e a identidade profissional	30
3.3	O modelo de socialização profissional de Hughes	32
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
4.1	Classificação da pesquisa	35
4.2	Universo e sujeitos da pesquisa	36
4.3	Coleta de dados	36
4.4	Tratamento dos dados	38
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
5.1	Perfil das tatuadoras entrevistadas	41
5.2	Análise da socialização profissional de tatuadoras	43
<i>5.2.1</i>	<i>Passagem através do espelho: a inserção profissional</i>	44
<i>5.2.2</i>	<i>Instalação da dualidade: o modelo ideal e o real da profissão</i>	53
<i>5.2.3</i>	<i>Ajuste da concepção em si: identidade profissional e carreira</i>	60
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA ÀS TATUADORAS	78

1 INTRODUÇÃO

Esta primeira seção inicia com uma contextualização da temática abordada na presente pesquisa e com a apresentação do questionamento que suscitou tal estudo. Em seguida, tem-se a justificativa, o objetivo geral e os objetivos específicos. Por fim, explica-se como a estrutura da monografia foi organizada.

1.1 Contextualização

As relações no mundo do trabalho têm sido marcadas pela segregação ocupacional, a qual a tendência é colocar a mulher em posição de desvantagem (MONTEIRO, 2015). No Brasil, por exemplo, pesquisas indicam que as mulheres recebem, em média, três quartos do salário dos homens (IBGE, 2018). Discriminações como essa podem ser consideradas como um reflexo da convenção criada ao longo dos anos de que a força de trabalho feminina está subordinada à masculina. Acredita-se que essa ideia de submissão teve início com a divisão sexual do trabalho, a qual estabelecia que as mulheres fossem responsáveis por atividades secundárias, de zelo e cuidado com o lar, enquanto que os homens eram os provedores do sustento da família (MONTEIRO, 2015).

Alguns fatos históricos em concomitância com a luta do movimento feminista ocasionaram mudanças dessa perspectiva do trabalho, proporcionando importantes conquistas relativas ao ingresso e aos direitos da mulher no campo profissional. Com apoio das teorias feministas, muitas mulheres passaram a questionar as desigualdades de gêneros e a ideia de que a atuação feminina se limitava ao espaço doméstico. Somado a isso, alguns acontecimentos socioeconômicos e políticos, como a Segunda Guerra Mundial, permitiram uma considerável abertura do leque ocupacional para as mulheres, uma vez que muitos homens deixaram seus empregos em detrimento da convocação para a guerra e precisaram ser substituídos (GONTIJO; MELO, 2017).

Embora seja evidente que a participação feminina no meio laboral tenha evoluído, a construção social de uma cultura machista e sexista ao longo dos anos culminou em uma série de dificuldades para as mulheres que ainda persistem nos dias de hoje (LIMA, 2018). Em alguns mercados, como o de tatuagem, a ideologia masculina ainda é bastante presente (ARAÚJO, 2019).

Ornar o corpo é uma prática milenar e que, inicialmente, tinha cunho positivo, pois estava atrelada a aspectos religiosos, sociais ou bélicos (ARAÚJO, 2019). Para alguns povos,

fazia parte de rituais e celebrações da vida (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014). Segundo Araújo (2019), o estigma de marginalização da tatuagem só começou por volta do século XIX nos shows circenses, em que pessoas eram expostas forçadamente e apresentadas como anomalias. No caso das mulheres, a discriminação era ainda maior devido à sexualidade, pois elas eram exibidas seminuas para o público (ARAÚJO, 2019). Mais tarde, essa ideia de pessoas tatuadas pertencerem a grupos marginalizados foi reforçada com os movimentos de contracultura, os quais eram compostos por roqueiros e *hippies*, por exemplo, e suas tatuagens eram vistas como sinal de rebeldia para o restante da sociedade (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014).

Para Swami e Furnham (2007), ainda no mundo contemporâneo, as mulheres são discriminadas pelos corpos tatuados, vinculando-se à promiscuidade. Ao tatuar o corpo, as mulheres estariam ferindo as ideias de feminilidade e santidade do corpo feminino (THOMPSON, 2018). No entanto, muitas delas passaram a se tatuar como forma de desafiar os padrões de beleza impostos e como um símbolo de autonomia do corpo feminino (FARLEY; VAN HOOVER; RADEMEYER, 2019).

Nesse contexto, algumas mulheres se fascinaram com a prática da tatuagem e optaram por participar desse meio como profissionais (ARAÚJO, 2019). Nota-se que gradativamente está sendo delineada uma nova perspectiva sobre a relação da mulher com a tatuagem e, conseqüentemente, crescendo a quantidade de tatuadoras (ARAÚJO; CATRIB, 2019).

Para Hughes (2016), a escolha de uma profissão não se restringe apenas aos aspectos técnicos das atividades que serão executadas, leva-se em consideração também a concepção particular que se tem do mundo, ou seja, implica também na influência de fatores individuais e sociais. Para o autor, a cultura da profissão é adquirida por um processo contínuo de socialização que, por meio dos conhecimentos adquiridos e do abandono de estereótipos se constrói uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, uma nova identidade profissional.

Diante do que foi exposto, a presente pesquisa busca responder o questionamento fomentado: como ocorre o processo de socialização profissional de tatuadoras?

1.2 Justificativa

Conforme pesquisas realizadas para elaboração do presente estudo, notou-se que a socialização profissional é uma temática bastante relevante e que possui uma vasta ocorrência de pesquisas sobre tal assunto no meio acadêmico. No entanto, foram encontrados poucos estudos que envolvessem a socialização no ofício de tatuador, e mais especificamente

trabalhos que buscassem entender como ocorre a inserção de mulheres nessa carreira e a percepção feminina sobre essa profissão que ainda é tão estigmatizada.

A indústria de tatuagem, durante muitos anos, foi intitulada como “suja” não só pela ideia negativa que se tinha da tatuagem em si e de marginalização da clientela, mas também pela rejeição quanto ao ambiente que se realizava tal ofício. Criou-se a ideia preconceituosa de que os profissionais da área eram pessoas contaminadas (ADAMS, 2012).

Algumas mudanças culturais e históricas que ocorreram no ocidente impactaram positivamente na percepção da sociedade sobre tatuagem (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014). No entanto, Swami e Furnham (2007) afirmam que a arte corporal ainda é bastante discriminada, principalmente quando se trata do corpo feminino. Alguns estereótipos relativos à feminilidade e à santidade do corpo feminino ainda são fortemente reproduzidos nesse meio. A exemplo, tem-se o estereótipo de que mulheres devem tatuar desenhos pequenos e ocultos (THOMPSON, 2018).

Entre os trabalhos encontrados que envolviam essa temática da tatuagem e que nortearam a presente pesquisa, estão os estudos de Araújo (2019), Rodriguez e Carreteiro (2014), Swami e Furnham (2007) e Adams (2012). Esse estudo buscou, entretanto, abordar um assunto pouco explorado relacionado a esse meio, o qual envolve as motivações e dificuldades de uma mulher em optar pela profissão de tatuadora, contribuindo para a produção científica da área de gestão de pessoas no que tange as discussões sobre a atuação feminina em organizações específicas.

Além disso, tem-se a relevância social do trabalho por tratar da desigualdade entre gêneros, problema ainda tão presente na sociedade contemporânea. Embora no Brasil o grau de escolaridade e a inserção no mercado de trabalho das mulheres tenham aumentado, elas ainda enfrentam barreiras para assumir determinados cargos por simplesmente serem mulheres (ASSUNÇÃO, 2018). Pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (2016) apontam que a quantidade de mulheres submetidas a empregos informais é muito grande, principalmente nos países em desenvolvimento, e que a probabilidade de elas serem trabalhadoras familiares não remuneradas é duas vezes maior que a dos homens. Além disso, observou-se que em 2018, no âmbito global, a quantidade de homens empregadores era quatro vezes maior do que a de mulheres (OIT, 2016).

Diante de tais problemáticas, justifica-se a importância de se compreender como ocorre o processo de socialização da mulher na carreira de tatuadora.

1.3 Objetivos da pesquisa

Esse estudo apresenta os seguintes objetivos geral e específicos:

1.3.1 *Objetivo geral*

O objetivo geral do estudo é investigar como ocorre o processo de socialização profissional de tatuadoras.

1.3.2 *Objetivos específicos*

O presente estudo teve como objetivos específicos:

- i. Compreender como ocorre a inserção de mulheres no mercado de tatuagens, considerando a cultura leiga e a cultura profissional;
- ii. Verificar como a tatuadora assimila sua vida profissional, a partir do modelo ideal e o real da profissão;
- iii. Entender qual a percepção da tatuadora sobre sua carreira e sobre sua identidade profissional após o abandono de estereótipos.

1.4 Organização da monografia

O presente trabalho está dividido em seis seções. Na primeira, a introdução, são apresentados o tema da pesquisa, a justificativa, os objetivos, geral e específicos, e por fim a estrutura da monografia.

Na segunda seção, foi realizada uma investigação bibliográfica e construído um referencial teórico acerca da participação feminina no mercado de trabalho. A princípio, tem-se uma contextualização histórica da inserção e atuação de mulheres no ambiente laboral, e depois especificamente no mercado de tatuagens, em que se expõe a relação delas com a tatuagem e os desafios desse gênero no ofício de tatuador.

Em seguida, a terceira seção esclarece sobre os conceitos de socialização e identidade, inicialmente de maneira mais abrangente, depois no âmbito laboral. Ao final, apresenta-se o modelo de socialização profissional segundo Hughes (2016) o qual fundamentou a elaboração do roteiro da entrevista aplicada nesta pesquisa.

Na quarta seção é exposta a metodologia científica utilizada no trabalho, descrevendo a

caracterização da pesquisa, o universo e da amostra da pesquisa e as técnicas de coleta e tratamentos dos dados obtidos.

Depois, a quinta seção apresenta a análise e discussão dos resultados que foram subdivididos nas três etapas de socialização profissional proposta por Hughes (2016): passagem pelo espelho, instalação da dualidade e ajustes da concepção em si. Nesta seção apresentam-se, também, as unidades de registro e suas respectivas unidades de contexto em figuras esquematizadas elaboradas através do *software* ATLAS.ti 7. E a seção traz, ainda, transcrições de trechos das entrevistas que evidenciam os resultados da pesquisa.

Por fim, no sexto capítulo têm-se as considerações finais desse presente estudo que estabelece uma relação entre os seus objetivos e os resultados obtidos pela pesquisa. Além das referências bibliográficas e o questionário aplicado nas entrevistas.

2 A TATUADORA NO MERCADO DE TRABALHO

Esta seção expõe, inicialmente, um breve histórico a respeito da introdução e atuação da mulher no mercado de trabalho. Em seguida, mais especificamente no mercado de tatuagens, abordando alguns desafios que as mulheres enfrentam nesse campo laboral.

2.1 A mulher no mercado de trabalho

A busca das mulheres por espaço e reconhecimento na sociedade tem gerado, ao longo dos anos, grandes avanços acerca da igualdade entre gêneros e importantes discussões quanto ao patriarcalismo que ainda é muito presente em diversos campos do cotidiano. Essa luta, além de quebrar padrões estigmatizados dentro do ambiente doméstico, tem contribuído para a representatividade no âmbito político e com a abertura do mercado de trabalho para a inserção da mão de obra feminina (GIMENEZ, 2018).

Nas sociedades anteriores ao capitalismo comercial, não existia uma exploração e precarização evidente da força de trabalho feminina, mas já era possível notar uma segregação entre os gêneros, que afastava a mulher do meio público (MEDEIROS, 2015). Conforme Coelho (2016, p. 21), “os homens tinham a incumbência de realizar a caça e a pesca, ou seja, prover os meios de alimentação da família, enquanto que as mulheres ficavam responsáveis pela coleta dos frutos e pelo cultivo da terra [...]”, isto é, aos homens eram destinadas atividades mais arriscadas e às mulheres atividades que envolviam zelo (COELHO, 2016).

Essa divisão de tarefas, por muitos anos, foi justificada com base nas teorias biológicas, pois se acreditava que cabia à natureza feminina ser submissa (MONTEIRO, 2015). Segundo Monteiro (2015, p. 20), “[...] o corpo feminino era uma pré-condição necessária para a permanência da opressão patriarcal” (MONTEIRO, 2015). Foi desenvolvida, então, a ideia de divisão sexual do trabalho em que eram destinadas às mulheres as funções domésticas e aos homens as de acúmulo de riquezas (MEDEIROS, 2015). Essa ideia estabeleceu que “[...] o trabalho do homem é acatado como fundamental, é considerado como o “proprietário” do trabalho, enquanto que o trabalho da mulher é considerado complementar, visto como ‘participação’” (MONTEIRO, 2015, p.14). A tendência era confinar a mulher e tornar sua participação na vida pública, especialmente no âmbito político, invisível (MEDEIROS, 2015).

No período do antigo regime na França, muitas mulheres começaram a trabalhar como negociantes no comércio. No entanto, eram condicionadas a pedir autorização para exercer tais atividades aos seus maridos (MEDEIROS, 2015). No século XIX, o leque ocupacional

para as mulheres aumentou consideravelmente, mas ainda era bastante limitado, restringindo-se a profissões de “[...] balconistas, datilógrafas ou auxiliares de escritórios nas fábricas” e para aquelas com maiores níveis de escolaridade, surgiram oportunidades com o “[...] magistério, e, mais tarde, a enfermagem” (MONTEIRO, 2015, p. 23). Dominava a ideia estereotipada de que tais profissões se adequavam à natureza feminina (MONTEIRO, 2015).

Alguns fatos históricos, como as duas grandes guerras mundiais e a crise econômica de 1929, trouxeram novas oportunidades de trabalho para as mulheres. No período da Grande Depressão, muitas mulheres adentraram no mercado de trabalho, pois a taxa de desemprego estava muito elevada e muitas delas se submetiam a propostas de emprego de baixa remuneração. E, mais tarde, a ida dos homens para a Segunda Guerra diminuiu a mão de obra masculina nas fábricas, abrindo espaço para as mulheres atuarem na área de produção (GONTIJO; MELO, 2017). Foi nesse período também que a mão de obra feminina passou a ser associada ao capital (GIMENEZ, 2018).

A partir, então, das décadas de 1960 e 1970, uma nova representação da força de trabalho das mulheres foi impulsionada na sociedade (GIMENEZ, 2018). Com a acelerada urbanização e industrialização nos grandes centros, cresceu a demanda por mão de obra de tal forma que as mulheres passaram a ser mais requisitadas (MONTEIRO, 2015). No entanto, Monteiro (2015) apresenta dados do censo demográfico de 1970 fornecidos pelo UNICEF em 1982, indicando ainda uma limitação quanto às ocupações destinadas às mulheres.

[...] mais de 80% do contingente feminino ativo trabalhava em apenas 10 ocupações, todas elas de baixo prestígio e poder de remuneração: 1) empregadas domésticas; 2) trabalhadoras rurais; 3) professoras primárias; 4) funcionárias de escritório; 5) costureiras; 6) lavadeiras; 7) balconistas; 8) serventes; 9) enfermeiras e 10) tecelãs (MONTEIRO, 2015, p. 24).

Essas conquistas de inserção das mulheres no mercado de trabalho não as tornaram totalmente emancipadas das atribuições domésticas, mas rompeu fortes relações de submissão e opressão (MEDEIROS, 2015). Para Monteiro (2015), levando em conta o aspecto econômico de a mulher ter um emprego implica em estas possuírem mais autonomia e menos “dependência financeira e emocional dos homens [...]” e ainda representa “[...] uma fonte de realização pessoal [...]” (MONTEIRO, 2015, p. 13). No Brasil, por exemplo, Monteiro (2015) cita o Código Civil de 1916 que exigia das mulheres a autorização dos seus cônjuges para que elas se empregassem.

Muitas delas deixaram de servir exclusivamente para seus filhos e maridos, mas continuaram lidando com os deveres do lar e passaram a ter uma dupla jornada de trabalho (MEDEIROS, 2015). Gimenez (2018) reforça que embora atualmente seja mais habitual

encontrar homens lidando com tais atividades do ambiente doméstico, é muito comum se referir a essa atuação masculina como “ajuda” e que os homens “[...] ainda continuam a ser socialmente autorizados a se afastarem das tarefas domésticas [...]” (GIMENEZ, 2018, p. 26).

Segundo estudos da Organização Internacional do Trabalho - OIT (2016), as mulheres continuam tendo que conciliar suas horas diárias entre o trabalho e os cuidados com o lar, sendo este último o que elas mais despendem tempo, o que ocorre tanto em países de rendimento elevado, quanto nos de baixo rendimento. Os estudos indicam que ainda cabe a muitas mulheres a maior responsabilidade pelo ambiente doméstico, uma vez que, em média, elas realizam “[...] pelo menos duas vezes e meia mais tarefas domésticas não remuneradas e de cuidados do que os homens [...]” (OIT, 2016, p. 7). Os dados apontam, ainda, que as mulheres trabalhadoras têm, em média, uma jornada de trabalho mais longa do que os homens trabalhadores, chegando a 73 minutos por dia de diferença nos países em desenvolvimento e a 33 minutos por dia nos países desenvolvidos (OIT, 2016).

Há também a questão de regularização da mão de obra feminina. A princípio, muitas mulheres trabalhavam, mas suas atividades não eram reconhecidas como profissão (MONTEIRO, 2015). Atualmente, dados de 2016 da Organização Internacional do Trabalho indicam que, no âmbito mundial, houve uma queda nos últimos 20 anos de 17 pontos percentuais de mulheres trabalhadoras familiares não remuneradas. Porém, a quantidade delas que ainda estão submetidas ao trabalho informal é bastante expressiva. O percentual de mulheres trabalhadoras familiares não remuneradas chega a 34,9% na África Subsaariana e na Ásia Meridional a 31,8 por cento (OIT, 2016).

Algumas mudanças tecnológicas tais como a informatização e a expansão de serviços também contribuíram para a efetiva atuação das mulheres no mercado de trabalho (MEIRELES, 2018). O surgimento de instrumentos como máquina de escrever e telefone, gerou oferta de ocupações atreladas aos escritórios, nas quais os homens não tinham interesse (GONTIJO; MELO, 2017). Além disso, aparelhos tecnológicos foram suprimindo a ausência das mulheres nas tarefas domésticas e as pílulas anticoncepcionais diminuindo as gestações, permitindo que elas se dedicassem ainda mais aos estudos e trabalho (MEIRELES, 2018). No Brasil, principalmente nas cidades mais desenvolvidas, notou-se uma diminuição da taxa de fecundidade, uma maior expectativa de vida das mulheres, assim como um crescimento do acesso à escolaridade e ingresso às universidades, possibilitando às mesmas melhores oportunidades no país (MONTEIRO, 2015).

Segundo a OIT (2016), atualmente ainda há limites de atuação da mulher quanto aos setores e profissões disponíveis. Pelos dados que serão apresentados a seguir, os níveis de

oportunidades variam de acordo com a renda do país. Chega a 33,9 por cento a quantidade de mulheres empregadas em serviços de comércio em países de rendimento médio-alto, ou seja, mais de um terço da sua população feminina; e no setor industrial desses países o percentual de mulheres representa 12,4 por cento. Nos países de rendimento elevado, as mulheres se encontram empregadas principalmente nos setores da saúde e da educação, representando 30,6 por cento dos trabalhadores desses setores. Já nos países de baixo e de médio-baixo rendimento, o que prevalece é o setor da agricultura, maior fonte de emprego para as mulheres.

Outro dado importante da OIT (2016) é que embora existam cotas para mulheres, até final do ano de 2017, apenas 11,3% das cadeiras do Congresso Nacional eram ocupadas por mulheres em exercício. No Senado Federal, o percentual de senadoras chegou a 16,0% e, na Câmara dos Deputados as mulheres representavam apenas 10,5% dos deputados federais. Os estados da Paraíba, Sergipe e Mato Grosso, até a data em que esses dados foram coletados, não possuíam mulher exercendo o cargo de deputada federal (OIT, 2016).

Levando em conta o contexto regional, dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, o número de pessoas economicamente ativas da Região Metropolitana de Fortaleza chegou a 1.843 mil pessoas em 2016, quantidade estável em relação ao ano anterior. Sendo que dessa quantidade, ocorreu uma pequena redução da população economicamente ativa masculina, reduzida em 0,3%, e um pequeno crescimento da população economicamente ativa feminina de 0,5% (DIEESE, 2017).

As pesquisas do DIEESE estimaram, ainda, um total de 1.465 mil pessoas inativas, ou seja, que estão fora do mercado de trabalho local, em 2016, sendo dessa quantidade 542 mil homens e 923 mil mulheres. Em comparação ao ano anterior, houve um crescimento de 4% da quantidade de homens e de 1,7% de mulheres. As pesquisas revelam, ainda, que de cada dez novos inativos em 2016, seis eram homens, o que surpreende visto que ao longo da história as mulheres estiveram mais suscetíveis à inatividade (DIEESE, 2017).

Para Gontijo e Melo (2017), é evidente que houve uma considerável evolução do acesso e dos direitos do público feminino no ambiente de trabalho, no entanto, há ainda muito que se discutir para que o perfil da mulher submissa seja superado para dar espaço ao perfil de uma mulher atuante e proativa (GONTIJO; MELO, 2017). Para Medeiros (2015), o que tem levantado bastante questionamento e necessita de aprofundamento e análise são as ocupações disponíveis. Não só mais oportunidades, hoje as mulheres buscam o reconhecimento do seu trabalho ao mostrar que são competentes nos mais diversos tipos de profissão (GONTIJO; MELO, 2017).

A construção social de uma cultura machista e sexista ao longo dos anos culminou em uma série de desigualdades, criando um cenário de desamparo e desvantagem para a mulher no âmbito civil-político, especialmente no trabalho (LIMA, 2018). Dentre essas desigualdades, Lima (2018) aponta a econômica evidente pela diferença salarial, a social pela discriminação com a maternidade, a cultural pelo histórico de violência e assédio, a política pela pouca representatividade e a jurídica por não ter gozado plenamente dos seus direitos durante muitos anos.

Barros (2008) classifica essas diferenças através dos conceitos de segregação horizontal e vertical. A horizontal leva em conta as diferenças salariais e ocupacionais, e a vertical é resultado da dificuldade de as mulheres assumirem funções da alta hierarquia.

Quanto à segregação horizontal, Gimenez (2018) aponta que esta pode ser percebida desde meados do século XIX e início do século XX. Nessa época, a participação das mulheres no mercado de trabalho era tida como uma atividade secundária (GIMENEZ, 2018). Perpetuava a ideia de que a mulher devia procurar um trabalho que lhe permitisse uma conciliação com o lar e com a família, por isso, muitas eram encaminhadas às carreiras de menor prestígio (MONTEIRO, 2015), trabalhavam por apenas meio período e consequentemente, suas ocupações eram de baixa remuneração (GIMENEZ, 2018).

Essa situação começou a mudar no final do século XX. Os movimentos feministas a partir da década de 1970 passaram a contestar a vinculação do trabalho feminino ao trabalho doméstico e lutar por uma maior liberdade de escolha. Embora não tenham sido totalmente emancipadas dessa ideologia (MEDEIROS, 2015), houve um aumento das possibilidades de ocupação para as mulheres no mercado, e a defasagem salarial foi amenizada (MONTEIRO, 2015).

Lima (2018) evidencia que essas reivindicações também estiveram presentes no Brasil e resultaram em uma perceptível evolução dos direitos do trabalho feminino. A Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT, por exemplo, trouxe uma série de ações afirmativas no sentido de proteger as mulheres por meio das políticas de igualdade. Nessa legislação, por exemplo, foi estabelecido no artigo 461 que “sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual valor, prestado ao mesmo empregador, no mesmo estabelecimento empresarial, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, etnia, nacionalidade ou idade”.

Ocorre que, ainda segundo Lima (2018), a desigualdade salarial entre os gêneros ainda é fortemente presente no país e pouco confrontada judicialmente, “[...] sendo pequeno o número de ações trabalhistas que registram o *gap* salarial como matéria questionada” (p. 11), justificada pelo fato de ser um problema arraigado na cultura brasileira (LIMA, 2018).

Segundo dados do IBGE (2018), as mulheres ainda recebem, em média, três quartos do salário que os homens recebem. Levando em conta o nível de escolaridade, essa diferença de remuneração foi mais elevada em 2016 na categoria ensino superior completo ou mais, em que as mulheres receberam 63,4% do que os homens. Para a OIT (2016), essa desproporção se justifica não só pela educação ou pela idade, mas também, pela falta de credibilidade dada ao trabalho feminino e pelas necessidades adicionais que esse público possui como a responsabilidade com a maternidade. A OIT estima que “[...] serão necessários mais de 70 anos até que as disparidades salariais de gênero sejam completamente eliminadas” (OIT, 2016, p. 9).

No Brasil, a desvalorização do trabalho feminino chega a ser tão intensa, que mesmo com a maior escolaridade das mulheres desde os anos 1970 e inserção no mercado de trabalho, elas ainda enfrentam discriminação para ocupar determinados cargos pelo simples “[...] fato de ser mulher” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 12). Em 2016, a maioria dos cargos gerenciais no país era ocupada por homens, sendo 39,1% a porcentagem de mulheres nesses cargos. Essa maioria masculina nas atividades de gerência ocorria em todas as faixas etárias se agravando ainda mais nas faixas etárias mais elevadas (IBGE, 2018).

Esse aspecto vertical da segregação pode ser explicado pelo fenômeno denominado Teto de Vidro. Segundo Assunção (2018), foi uma expressão utilizada por jornalistas do *Wall Street Journal* para se referir à ideia de que o público feminino, mesmo construindo uma carreira bem-sucedida, é empattado por uma barreira invisível para assumir cargos de poder, que seria o chamado *glass ceiling* (ASSUNÇÃO, 2018). O artigo publicado pelo supracitado Jornal apontou que na Europa e na América do Norte, poucas vezes as mulheres ultrapassaram a marca de 10% das chefias e 4% dos cargos de CEO (*Chief Executive Office*) e presidência (MANGANELLI, 2012).

Fatores como “[...] educação, experiência, capacidade e a motivação” (MANGANELLI, 2012, p. 23) são essenciais para explicar essa barreira. Acredita-se que em países como a Dinamarca que vem proporcionando a ausência ao trabalho ao conceder licenças, como a de cuidar de filhos doentes, empata a mulher de assumir cargos da alta hierarquia (MANGANELLI, 2012).

A distribuição desequilibrada de responsabilidades entre os gêneros perante as tarefas domésticas (GIMENEZ, 2018), em razão da construção histórica de que as mulheres são as responsáveis pelos filhos e pelo lar (MANGANELLI, 2012), reflete-se na jornada de trabalho assumida pelas mesmas (GIMENEZ, 2018). É, então, nesse período de ausência da mulher que os homens vão avançando em suas carreiras (MANGANELLI, 2012).

Torna-se ainda mais exaustiva sobre as mulheres, principalmente para aquelas que vivem em condições vulneráveis, à margem da sociedade (GIMENEZ, 2018). Lima (2018) aponta a existência de uma discriminação multifacetada, dado que alguns subgrupos são ainda mais vulneráveis por atraírem outras rotulações, tais como, as negras, as imigrantes e as jovens, criando, assim, uma exclusão social potencializada em um universo já é excludente.

Outra causa que explica o Teto de Vidro é a chamada rede de contatos. Aponta-se que o fato de as mulheres dedicarem mais tempo aos afazeres domésticos em comparação aos homens, sobra menos tempo para investir em relacionamentos no mundo do trabalho, em consequência disso, são menores as chances de emprego através de indicação (MANGANELLI, 2012).

Apesar das grandes conquistas do movimento feminista ao longo da história, muitos lugares ainda são dominados por referências masculinas, dificultando a atuação do trabalho feminino (GIMENEZ, 2018). Muitas mulheres conseguiram se inserir nesses ambientes predominantemente masculinizados, mas diante condições de discriminação e algumas vezes de uma aceitação velada pela sociedade (MEDEIROS, 2015). Em vários setores ainda predomina estigmas construídos de séculos anteriores, como ocorre, por exemplo, em alguns estúdios de tatuagem (ARAÚJO, 2019).

2.2 Os desafios do mercado de tatuagem para mulheres

É possível encontrar registros da prática de adornar o corpo desde a pré-história em diversas culturas, sendo muito difícil definir o lugar de origem. Há registros de corpos tatuados encontrados desde povos da Polinésia a povos africanos (ARAÚJO, 2019). Estudos feitos no Museu Britânico, em Londres, revelaram ilustrações em duas múmias, um homem e uma mulher, da época pré-dinástica do Egito, período bem anterior ao que já havia sido encontrado na África (FRIEDMAN et al., 2018).

A princípio, a motivação para o ato de tatuar envolvia aspectos religiosos, sociais ou bélicos e durante muitos anos a função religiosa da tatuagem era de culto às divindades e era vista como certo amuleto da sorte (ARAÚJO, 2019). Em alguns lugares, essas marcas faziam parte dos “[...] rituais de passagem (nascimento, puberdade, reprodução e morte)” (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 748). Inicialmente, no Japão, tratava-se de uma cultura de embelezamento. Em tribos do Pacífico, as marcas na pele representavam as classes sociais e as famílias as quais as pessoas descendiam (SANTOS, 2016). No entanto, séculos mais tarde, com algumas mudanças histórico-culturais, como a ascensão do cristianismo na

Europa, a tatuagem passou a ser combatida, rejeição que permeou até os dias atuais (ARAÚJO, 2019).

Diferente do que se propagava nos primórdios dessa prática, a tatuagem começou a ser associada a grupos marginalizados, sendo fortemente repudiada no ocidente (ARAÚJO, 2019). A marginalização dessa atividade ficou ainda mais evidente no século XIX nos shows circenses. Onde as caravanas atraíam o público com as “[...] galerias vivas de imagens [...]” (ARAÚJO, 2019, p. 19) que consistiam em homens e mulheres expondo seus corpos tatuados. A exposição dessas pessoas ocorria de maneira forçada e elas eram vistas como anomalias. Para as mulheres tinha o adendo da sexualidade, pois existia um apelo erótico e elas eram exibidas seminuas para o público (ARAÚJO, 2019).

Por volta dos anos de 1950 e 1960, o estigma de uma pessoa tatuada pertencer a grupos marginalizados ganhou um adendo, pois passou a ser vinculada também a participantes de movimentos de contracultura como “[...] roqueiros, motoqueiros, *hippies* e *punks*” (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 748). Como aponta Rodriguez e Carreteiro (2014), acrescentou-se à marginalidade a perspectiva de rebeldia:

[..] a tatuagem não estava mais ligada unicamente à marginalidade ou a determinados círculos econômicos, mas se articulava a propostas políticas, éticas e estéticas contrárias à norma social. Seu uso parecia ostentar publicamente o rompimento com as regras sociais, instituindo-se como signos expressivos de rebeldia (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 748).

Ao passo que para a população em geral as tatuagens eram vistas com reprovação, para o movimento feminista, representava liberdade e autonomia. O movimento pregava que o ato de tatuar era um direito que a mulher tinha de manipular seu próprio corpo e uma maneira de demonstrar poder e libertação sexual (ARAÚJO, 2019). Algumas estrelas da música, como Janis Joplin, incorporaram-se nesse movimento e se tornaram referência para as mulheres nos 1970 (THOMPSON, 2018).

Foi, então, principalmente no final do século XX, que ornar o corpo, principalmente através da tatuagem, foi se desvinculando da ideia de marginalidade para se incorporar na cultura prevalecente a percepção positiva de expressão corporal. Elas começaram a se libertar da natureza transgressora e passaram a ser vinculadas a ideias mais aceitas pela sociedade (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014). E somente no final dos anos 1990 e 2000 que se tornou mais frequente encontrar mulheres com o corpo bastante tatuado (THOMPSON, 2018). Atualmente, tal prática possui condições estruturais bastante avançadas e um público composto por muitas pessoas mais jovens. “É compreendida muitas vezes como arte e forma de expressão da mesma. Em alguns casos, o corpo se torna uma obra ambulante”

(RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 748).

Nas últimas décadas, houve uma expansão do número de estúdios que oferecem o serviço de tatuagem. Conforme a quantidade de tatuadores foi aumentando no mercado e a tecnologia avançando, as tatuagens foram também progredindo em relação à qualidade (SWAMI; FURNHAM, 2007). Rodriguez e Carreteiro (2014) reforçam essa progressão da atividade:

Tatuagem deixou de ser uma prática feita à mão, como um ofício artesanal, praticada por amadores, ensinada informalmente, e realizada durante festas, para dar lugar a um processo mais técnico, com lojas exclusivas, com equipamentos especializados, materiais descartáveis e a profissionalização dos seus praticantes (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014).

A conotação negativa atribuída à tatuagem não era exclusiva do sujeito como uma pessoa tatuada. Havia uma rejeição também quanto ao ambiente onde era realizado tal ofício, pois, em geral, era considerado um lugar insalubre. As indústrias de cirurgia estética e tatuagem foram, durante muitos anos, consideradas sujas não só pela ideia marginalizada da clientela, no caso da tatuagem, como também pela proximidade com o corpo e pela matéria expelida por ele, principalmente pelo sangue. Eram, portanto, consideradas profissões contaminadas. Para adquirir uma maior aceitação da sociedade, essas indústrias tiveram que buscar melhorias quanto ao ambiente e manejo desses ofícios. Um acontecimento marcante para o progresso de profissionalização da prática de tatuar foi o desenvolvimento da pistola elétrica de tatuagem (ADAMS, 2012).

Ainda, segundo Adams (2012), tanto os regulamentos internos como os externos foram utilizados por muitos estúdios de tatuagem como forma de tornar o ofício com caráter mais profissional e combater a discriminação com a atividade perpetuada até anos anteriores. Além disso, outra mudança que ocorreu na indústria foi quanto ao aspecto de reconhecimento entre os próprios profissionais. Os tatuadores começaram a se intitular como “artistas” e a substituir os termos “salão” ou “loja” por “estúdio de tatuagem” (ADAMS, 2012).

É perceptível que a concepção da prática de se tatuar se modificou ao longo do tempo, alinhada às mudanças culturais e históricas ocorridas no ocidente (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014). Swami e Furnham (2007) afirmam, porém, que o estigma não foi totalmente superado e muitas pessoas ainda reprovam a arte corporal de forma discriminatória, principalmente quando se trata do corpo feminino. Para os autores, geralmente, as mulheres com tatuagens são vistas como “[...] menos atraentes fisicamente, mais promíscuas sexualmente e mais propensas a consumir grandes quantidades de álcool” (p. 344). Embora não existam estudos que confirmem tal julgamento, eles afirmam ser uma visão

ainda bastante propagada na sociedade (SWAMI; FURNHAM, 2007).

Em busca de reforçar a feminilidade e em razão da ideia de santidade do corpo feminino, convencionou-se que as mulheres devem tatuar desenhos “[...] pequenos, fofos e ocultos” (THOMPSON, 2018, p. 8). Padrões de beleza são impostos às mulheres ao longo de todas as suas vidas, conforme a cultura em que elas estão inseridas. Comumente, as tatuagens são utilizadas como uma forma de desafiar esses padrões e como um símbolo de autonomia do corpo feminino (FARLEY; VAN HOOVER; RADEMEYER, 2019).

Nesse contexto, algumas mulheres foram ainda mais além, contra as ideias machistas da sociedade e transformaram a prática da tatuagem em atividade laboral (ARAÚJO, 2019). Dada a raridade da presença feminina nesse ofício, a autora apresenta alguns nomes de tatuadoras que se tornaram emblemáticas nesse meio, são elas: Maud Stevens Wagner, Mildred Hull e Betty Broadbent. Essa representatividade feminina na profissão de tatuador está cada vez mais acentuada. Em uma pesquisa realizada em 2010 com 1.147 estudantes da Universidade Atlântica da Flórida, muitos deles relataram que foram tatuados por tatuadoras. No entanto, essa estatística é parcialmente justificada pelo fato de dois terços dos entrevistados serem mulheres (LEADER, 2016).

No âmbito nacional, alguns eventos mostram que muitas mulheres são ativas e têm ganhado destaque no mercado de tatuagens. Na sétima edição do evento “Tattoo Show RS” realizado em Porto Alegre no ano de 2017, entre os 21 vencedores dos concursos de tatuagem, cinco foram mulheres e duas delas foram premiadas como melhores do evento (CCR Gestão de Comunicação, 2017). No Rio de Janeiro, dos 900 tatuadores que participaram da convenção “Tattoo Week”, havia uma estimativa de 180 mulheres (G1, 2016). Já em um festival de Belo Horizonte, o “BH Tattoo Festival”, a organização do evento estimou que as mulheres representavam cerca de 30% dos tatuadores da cidade em 2017 e que no país essa porcentagem podia ser presumida em 45% (G1, 2017).

Nota-se que no cenário dos estúdios de tatuagem, as conquistas do movimento feminista ao longo dos anos se refletem no cotidiano das tatuadoras. O ambiente tem se tornado cada vez mais próspero para a atuação da mulher no mercado de trabalho (ARAÚJO, 2019). Porém, o autor esclarece que “[...] as marcas de séculos de opressão ainda podem ser visualizadas nos dias de hoje, expressas através da dúvida quanto à capacidade profissional da mulher, sendo possível expandir ainda mais as reivindicações por igualdade” (ARAÚJO, 2019, p. 38).

Em entrevista ao Portal Folha de Londrina, a tatuadora Marina Horta relatou que um cliente já recusou ser tatuado no estúdio ao saber que seria feito por uma mulher. De maneira

similar, a tatuadora Patrícia conta ao Portal do Jornal O Povo que uma cliente chegou a seu estúdio e disse preferir que a tatuagem fosse feita por um homem. Esse cenário desperta em algumas tatuadoras a sensação de que elas precisam se empenhar ainda mais para exercer o ofício por simplesmente serem mulheres (ARAÚJO; CATRIB, 2019).

Por outro lado, algumas mulheres estão se empoderando e quebrando tabus. Araújo (2019) entrevistou, por exemplo, tatuadoras brasileiras que disseram reconhecer que seus trabalhos possuem mesma qualidade técnica dos demais profissionais e que não se restringem a técnicas estereotipadas como “femininas”, como as de “[...] traços mais finos” (ARAÚJO, 2019, p. 38).

Nota-se que a visão sobre a tatuagem tem se transformado de forma gradativa ao longo dos anos de modo que hoje a prática de ornar o corpo possui também a interpretação de expressão artística. Em paralelo, tem-se propagado um novo olhar sobre a relação da mulher com a tatuagem, o que tem gerado um aumento da quantidade de tatuadoras (ARAÚJO; CATRIB, 2019).

Segundo Lima (2018), para criar um mercado de trabalho de igualdade e sem discriminação é preciso que fatores como “[...] gênero, nacionalidade, idade, ideologia, orientação sexual ou valor religioso” (p. 6) deixem de ser usados como medida para avaliar a “[...] aptidão laboral” (p. 6) de um sujeito (LIMA, 2018).

Assim, conforme exposto, a presença feminina tem crescido consideravelmente em posições do mercado de trabalho que antes eram apoderadas por homens, como é o caso da profissão de tatuador e, atrelado a isso, tem-se modificado a ideia de como as pessoas se relacionam com esses novos modelos de hierarquização entre os gêneros (GIMENEZ, 2018). Para, então, melhor compreender o ingresso da mulher no mercado de tatuagem e sua relação com a vida profissional de tatuadora, serão explanados no capítulo a seguir os conceitos de socialização e identidade profissional.

3. SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Esta seção aborda os conceitos de socialização e construção de identidade e, posteriormente, de socialização profissional e identidade profissional. Ao final, apresenta o modelo de socialização profissional proposta por Hughes (2016).

3.1. O processo de socialização e a construção da identidade

As relações sociais ocorrem a todo instante, definindo e provocando mudanças na forma como o homem se organiza ao longo dos anos (SPUDEIT; CUNHA, 2016). Entre as décadas de 1960 e 1970 muitos fatos históricos contribuíram para a análise dos conceitos de socialização e, mais especificamente, de socialização profissional. No aspecto econômico, ocorria a mudança do modelo agrícola para o industrial, culminando no fenômeno do êxodo rural; no âmbito político, prevalecia o combate entre governos democráticos e ditatoriais, e no campo da educação, surgia a classe das elites, provocando grandes influências ideológicas e gerando novos grupos sociais. Nesse cenário, construiu-se a ideia de pertencimento social (DE MELO; VALLE, 2013).

Para De Melo e Valle (2013), o ato de se socializar está relacionado “[...] à aprendizagem e à internalização de normas e de valores” (p. 100), que o indivíduo absorve de algum “[...] meio ou grupo social” o qual participa. Para os autores, o objetivo desse processo de socialização consiste em “[...] integrar, desenvolver o sentimento de pertencimento do indivíduo à sociedade” (p. 100). Nas primeiras fases da vida, as pessoas começam a ter contato e interação com os seus primeiros grupos sociais: “[...] a família, a creche, o orfanato e a escola” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 56), que são os meios pelos quais lhe dão proteção para sobrevivência e auxiliam na formação dos seus valores. Mais tarde, os adultos passam a ser constantemente submetidos a processos de socialização e que “[...] trazem expectativas, tensões, realizações, decepções, alegrias, sofrimentos e desafios” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 56).

Na perspectiva clássica da sociologia, vincula-se esse processo de socialização ao de educação. Socializar-se implica em submeter o sujeito à consciência coletiva que constitui um conjunto de conhecimentos e ideias morais que transcende o indivíduo, “[...] existindo antes e continuando a existir depois dele [...]”, e que irão instruí-lo quanto às maneiras de ser, sentir e agir (DE MELO; VALLE, 2013, p. 81).

Para Durkheim (1965), é através da educação que a sociedade molda a essência das crianças para que estas sejam capazes de construir suas próprias realidades. São os adultos os

responsáveis por educar as gerações mais novas para que elas se preparem para a vida social. A intenção é que a criança desperte e desenvolva “[...] estados físicos, intelectuais e morais” (p. 41) necessários para a sobrevivência no meio em que vive. É por meio da educação, portanto, que ocorre a “[...] socialização metódica das novas gerações” (p. 41).

Ainda segundo Durkheim (1965), cada indivíduo é constituído de dois seres, o individual e o social. O primeiro reúne “[...] todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossa vida pessoal” (p. 41). Já o ser social engloba todo conhecimento e hábito presente no indivíduo que é reflexo dos grupos sociais que este faz parte. São os princípios morais e religiosos assimilados por esses grupos que auxiliam na conduta do indivíduo para viver em coletividade e é por meio da educação que ocorre essa assimilação (DURKHEIM, 1965).

Considerando uma perspectiva contemporânea acerca da socialização, têm-se as ideias de Berger e Luckmann (2013), que definem a socialização como processo de introdução do indivíduo na sociedade e que ocorre em duas perspectivas: a socialização primária e a secundária (DE MELO; VALLE, 2013). Segundo Berger e Luckmann (2013), o indivíduo nasce com a capacidade de se socializar, mas o seu nascimento não o torna imediatamente membro da sociedade. Trata-se de um processo gradativo e cada indivíduo possui uma “[...] sequência temporal” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 167).

Segundo Zanelli (2004), essa dualidade da socialização representa a perspectiva do chamado Interacionismo Simbólico, que parte da ideia de que as pessoas estão subordinadas ao processo, ou seja, ao mesmo tempo em que estão construindo sua própria personalidade, elas estão também absorvendo costumes e valores sociais relativos ao cenário sociocultural em que vivem, com auxílio dos grupos sociais que estão interagindo. “Supõe-se o indivíduo dentro de uma perspectiva evolutiva em que ocorre a transformação de um organismo em personalidade”. Existe nesse processo “[...] um certo nível de conformismo [...]” (ZANELLI, 2004, p. 332), uma vez que o ambiente em que o indivíduo é introduzido já possui regras e costumes preestabelecidos por outros. Desse modo, “o sujeito influencia e é influenciado, ao mesmo tempo” (ZANELLI, 2004, p. 333).

A socialização primária é característica da fase inicial da vida, a infância, e é o momento em que o indivíduo passa a integrar a sociedade. Nela, a criança assimila normas e costumes externos, incorporando e reproduzindo os mesmos. Essa incorporação, porém, só ocorre quando há uma identificação, não representando, portanto, um aprendizado intelectual puramente reproduzido, pois envolve emoção. Os autores explicam que “[...] na forma complexa da interiorização, não somente “compreendo” os processos subjetivos

momentâneos do outro, mas “compreendo” o mundo em que vive, e esse mundo torna-se o meu próprio” (p. 168), ou seja, ao assimilar atitudes externas, a criança identifica a si mesma e passa a construir sua própria identidade (BERGER; LUCKMANN, 2013).

Posteriormente, tem-se a socialização secundária em que o indivíduo já socializado no meio em que foi introduzido na infância passa a explorar sociedades distintas e a se inserir em novos campos, os “[...] submundos institucionais ou baseados em instituições” (p. 178). Essa socialização secundária é o momento que o indivíduo passa a adquirir conhecimentos e vocabulários específicos de uma área. Geralmente, as realidades presenciadas nesses submundos são fragmentos do mundo objetivo que podem entrar em confronto com a realidade incorporada na socialização primária (BERGER; LUCKMANN, 2013).

Conforme exposto, o processo de socialização ocorre de forma contínua na vida de uma pessoa (ZANELLI, 2004). Ao longo dos anos, o indivíduo está constantemente passando pelo processo de socialização que o molda através de “[...] rupturas e continuidades.” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 217). A identidade humana não é concebida de imediato no momento que o indivíduo nasce, ela começa a ser construída na infância e, posteriormente, moldada. O autor acrescenta, ainda, que o sujeito não é capaz de construí-la sozinho, pois há influência não das suas próprias autodefinições, mas também do contexto social e dos grupos que esteja inserido (DUBAR, 2005).

A socialização, portanto, consiste em incorporar comportamentos que irão conduzir o sujeito na vida pessoal e profissional de maneira que desperte nele o sentimento de pertencimento àquele meio. A priori, há uma formação de identidade no período escolar e só depois que as pessoas passam a se identificar com um determinado grupo profissional. Ou seja, no momento em que o indivíduo ingressa na profissão e inicia sua carreira, ele passa a adquirir competências específicas e a pertencer a um meio social característico (SPUDEIT; CUNHA, 2016).

Dentre as diversas identidades sociais, a profissional assume certa relevância, uma vez que as atividades laborais provocam fortes mudanças identitárias (DUBAR 2005). O tópico a seguir detalha sobre essa dimensão profissional.

3.2. A socialização profissional e a identidade profissional

Alguns sociólogos relacionaram a inserção no meio profissional ao processo da socialização. Hughes (2016), por exemplo, intitulou como "drama social" o fato de que as experiências vividas no ambiente de trabalho acarretam transformações nas personalidades

individual e social das pessoas e que a escolha da profissão vai muito além do aspecto econômico de remuneração, ela “[...] cristaliza suas esperanças e sua imagem de si, engaja sua definição e seu reconhecimento sociais” (DUBAR 2005).

O processo de socialização é, desse modo, o meio pelo qual as pessoas se adaptam à cultura da organização e modificam suas identidades. Ao se socializar, o indivíduo entra em contato com as normas e valores da instituição, assume o papel de aprendiz e internaliza conhecimentos e atitudes específicos. Trata-se de um processo que se estende por todo o período de atuação naquele ofício e constitui a formação profissional (SPUDEIT; CUNHA, 2016).

Escolher uma profissão representa uma dificuldade para muitas pessoas no início da vida adulta, em razão do compromisso que o sujeito está traçando com seu futuro e pelo fato de envolver dispêndio de tempo e dinheiro (BACCARO; SHINYASHIKI, 2011). Além disso, por essa escolha estar relacionada à construção da própria identidade, muitos indivíduos ficam divididos entre optar por aquilo que eles são e aquilo que os outros esperam que eles sejam (SPUDEIT; CUNHA, 2016). Nesse contexto, Baccaro e Shinyashiki (2011) afirmam que as instituições de ensino possuem um papel importante de influência na decisão do indivíduo:

Tais instituições são, normalmente, avaliadas pelo conhecimento e pelo treinamento técnico propiciado aos estudantes, mas pouca atenção é dada ao processo de socialização que eles sofrem para o aprendizado dos papéis profissionais. A falta de socialização profissional na profissão de enfermagem tem sido associada a vários resultados negativos, como rotatividade, abandono da profissão e baixa produtividade (BACCARO; SHINYASHIKI, 2011, p. 74).

Afirmar que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, significa que atuar em uma profissão não implica apenas em exercer uma determinada atividade, mas fazer algo que se desperta em si e transforma a si mesmo (TARDIF; RAYMOND, 2000). Além da aquisição dos conhecimentos e habilidades específicos e necessários para atuar em certo ofício, é importante também no processo de socialização profissional o desenvolvimento do sentimento de identificação com outros membros de sua área (BACCARO; SHINYASHIKI, 2011). Ter domínio dos conhecimentos técnicos não é suficiente se o sujeito não integrar o seu eu profissional ao ambiente de trabalho. Para Tardif e Raymon (2000), a “[...] consciência em relação aos diferentes elementos que fundamentam a profissão e sua integração na situação de trabalho leva à construção gradual de uma identidade profissional” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 229).

De acordo com Dubar (2005), Hughes (2016) apresenta duas qualidades necessárias

para a formação de um profissional, são elas: o “diploma” e o “mandato”. O diploma consiste em uma espécie de licença para exercer de forma legítima uma determinada atividade. A profissão, portanto, só pode ser exercida desde que o sujeito tenha essa autorização legal. Já o mandato seria o dever de garantir uma função específica. Ou seja, a primeira característica implica em separar o sujeito profissional dos demais e a segunda em designar a esses profissionais selecionados uma missão (DUBAR, 2005).

A cultura profissional é ainda segundo Hughes (2016), constituída pelo saber técnico e por uma concepção particular do mundo. Esses elementos são introduzidos por meio da aprendizagem e contribuem para a formação profissional (SPUDEIT; CUNHA, 2016). A partir dessa ideia, o sociólogo Hughes (2016) criou um modelo de socialização profissional explanado no tópico a seguir.

3.3 O modelo de socialização profissional de Hughes

É muito importante que as diversas profissões criadas ao longo da história assumam a responsabilidade de serem competentes no aspecto técnico e de beneficiarem a vida e/ou a coletividade. Quando surgem novas ocupações ou algumas delas sofrem modificações e os indivíduos lutam pelo reconhecimento e status de profissão, significa que as atividades que estão sendo realizadas possuem um grande valor para a sociedade (HUGHES, 2016).

Considerando a Medicina como o protótipo de profissão reconhecida na história, o sociólogo Evereth Hughes realizou um estudo com profissionais da área médica e apresentou em um artigo publicado em 1955, posteriormente abordado no nono capítulo da obra *Men and their work*, o seu modelo de Socialização Profissional, o qual definiu como "esquema geral de referência para estudar a 'formação' (*training*) para profissões muito diversas" (DUBAR, 2005). Segundo Hughes (2016), embora as ideias apresentadas ao longo do mencionado capítulo sejam referentes a um estudo especificamente para Medicina, implicitamente elas podem ser aplicadas para as demais profissões.

Hughes (2016) observou que o conhecimento médico que se vem acumulando ao longo dos anos é tão vasto que o treinamento realizado por um profissional de períodos passados difere expressivamente de um atual. A evidência dessa diferença é percebida na maior demanda das pessoas por profissionais prestadores de serviços médicos do que seus antepassados. Os próprios profissionais da Medicina não conseguem dominar todos os conhecimentos e as habilidades da área, gerando o surgimento de subculturas dentro de uma cultura maior.

A educação da profissão médica envolve tudo o que se mantém operante na cultura da Medicina ao passar do tempo e das gerações, indo além do que se é meramente transmitido. Para o autor, constrói-se a educação de um profissional através de uma série de experiências planejadas e também não planejadas, de tal maneira que aqueles que são leigos, normalmente jovens e pessoas acostumadas com a cultura leiga predominante, assimilam também parte da cultura técnica e científica. Sendo assim, o ponto de partida é a cultura médica leiga e o ponto final é indefinido, pois embora existam exames padronizados para que os profissionais se tornem licenciados, vai existir também uma variação na maneira e no grau de aprendizagem das experiências que serão reconduzidas à cultura leiga novamente (HUGHES, 2016).

Diante do exposto, o que Hughes chama de “*The Making of a Physician*” (a formação de um médico) é um processo que pode ser entendido como um movimento tanto de “iniciação” à cultura da profissão, considerando o sentido etnológico, como de “conversão” do indivíduo, que o conduz a uma nova visão de si mesmo e do mundo e à criação de uma nova identidade, tendo este segundo um sentido religioso (DUBAR, 2005).

Conforme os resultados obtidos pelo estudo dos profissionais da Medicina, Dubar (2005) denominou as fases três do modelo de Socialização Profissional de Hughes como Passagem através do espelho, Instalação da dualidade e o Ajuste da concepção em si, os quais serão explanados a seguir:

a) “passagem através do espelho” - nessa primeira fase, o indivíduo se insere na cultura profissional e o estereótipo criado através da cultura leiga entra em contato com a nova concepção da profissão, gerando um momento de crise e desconforto (DUBAR, 2005). É dominada assim, pois Hughes (2016) usa a metáfora de “olhar o espetáculo do mundo por trás dele, de maneira que as coisas sejam vistas ao contrário, como escritas em um espelho” (DUBAR, 2005, p. 182).

b) “instalação da dualidade” – define-se como uma fase de transição, em que o estereótipo começa a ser rompido e o ‘modelo ideal’ da cultura leiga passa a ser substituído pelo modelo real, originário da realidade vivida no trabalho. Trata-se de um momento de conflito entre a dualidade do que se foi idealizado e da realidade da profissão.

c) “ajuste da concepção em si” – neste último momento, o indivíduo passa a ter consciência de suas capacidades física, mentais e pessoais, desenvolvendo sua identidade, e finalmente abandona os estereótipos da profissão.

A concepção que o indivíduo tem de si mesmo é a priori um estereótipo criado com a contribuição dos pais, professores, irmãos, colegas e seus próprios sonhos, mas em um dado

momento o indivíduo passa a revisar suas aspirações. A formação de um profissional, portanto, implica na soma de toda a aprendizagem adquirida no processo de socialização no trabalho, e resulta em uma identidade profissional constituída por um novo papel e uma nova visão de mundo (HUGHES, 2016).

Desse modo, entende-se que a primeira fase do modelo de socialização profissional proposto por Hughes (2016) é caracterizada pelo modelo idealizado que se tem da profissão, a segunda etapa pelo confronto com a realidade e a última fase pelo abandono dos estereótipos da profissão. Após explanação de tais conceitos, o presente trabalho apresenta no seguinte capítulo a metodologia utilizada para identificar como as tatuadoras vivenciam as etapas desse processo de socialização profissional.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção esclarece quanto aos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. A começar pela caracterização da pesquisa, seguida do universo e amostra da mesma, posteriormente tem-se os instrumentos e procedimentos de coleta de dados e por fim, o tratamento dos mesmos.

4.1 Classificação da pesquisa

O processo formal e sistemático de investigação que busca obter novos conhecimentos acerca de uma determinada população ou fenômeno através da utilização de técnicas científicas caracteriza uma pesquisa científica (GIL, 2008). Ao gerar conhecimento sobre um determinado assunto, a pesquisa deve “contribuir para o avanço do conhecimento humano” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 49). Dependendo da abordagem, finalidade ou dos procedimentos utilizados, a pesquisa pode assumir diferentes classificações.

Quanto à abordagem, o presente estudo classifica-se como qualitativo. Em uma pesquisa qualitativa, o intuito do pesquisador não é caracterizar o objeto de estudo através de representações numéricas, e sim da relação entre variáveis do assunto. Os dados obtidos na pesquisa qualitativa são analisados e apresentados de maneira que se explique a razão de um determinado fenômeno, não sendo conveniente quantificar tais dados, pois os mesmos “são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

A classificação da pesquisa pode, também, ser baseada em seus objetivos. Nesse caso, o presente estudo se classifica como descritivo. Em uma pesquisa descritiva, não existe a interferência do pesquisador sobre os fatos observados, portanto, ocorrendo apenas o registro e a descrição dos mesmos (PRODANOV; FREITAS, 2013). “Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação” (VERGARA, 2014, p. 42). Segundo Prodanov e Freitas (2013), as técnicas mais comuns de coletas de dados para esse tipo de pesquisa são “a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Quanto aos procedimentos realizados, pode-se classificar, ainda, a pesquisa como bibliográfica e de campo. Na pesquisa bibliográfica, são utilizadas fontes secundárias sobre determinado tema e que estão disponíveis ao pesquisador, são públicas (MARCONI; LAKATOS, 2010). Ressalta-se que, nesse tipo de pesquisa, é essencial que o pesquisador se certifique da veracidade dos dados adquiridos, principalmente quando obtidos da *internet*. Já a

pesquisa de campo, Vergara (2014, p. 43) define como “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”. Esse tipo de pesquisa busca, através da observação espontânea de um fenômeno, coletar informações que explique um problema ou comprove algum fato acerca dele (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Em síntese, para o presente trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva, utilizando-se de investigação bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. Nesta última, foi aplicada a análise de conteúdo para o tratamento dos dados obtidos, técnica explanada no tópico 4.4 desse trabalho.

4.2 Universo e sujeitos da pesquisa

O universo da pesquisa são mulheres que trabalham como tatuadoras na cidade de Fortaleza, Ceará.

A priori, para selecionar os sujeitos, utilizou-se a amostragem não probabilística por acessibilidade na qual, segundo Vergara (2014), os indivíduos são selecionados pela facilidade de acesso. Por meio da rede social *Instagram*, foi feita uma busca de perfis profissionais de tatuadoras que trabalhassem em Fortaleza ou de estúdios de tatuagem da cidade que possuíssem mulheres tatuando.

Em seguida, para identificar mais tatuadoras, foi utilizada a amostragem não probabilística que se configura como “bola de neve” a qual, para Vergara (2014), os indivíduos são indicados por outros. Nesse caso, algumas tatuadoras indicaram outras mulheres dessa profissão que tinham interesse em participar da pesquisa.

A amostra total é composta por 16 tatuadoras que exercem tal ofício na cidade de Fortaleza - CE. Para identificar as participantes da pesquisa, utilizou-se o título de “tatuadora”, seguido pela numeração de 01 a 16 que compreende a ordem a qual foram entrevistadas. As demais informações coletadas referentes à amostra são apresentadas no subitem “Perfil das entrevistadas”, do capítulo “Análise e discussão dos resultados”.

4.3 Coleta de dados

O método de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi o de entrevista e teve apoio de um roteiro semiestruturado, conforme apêndice A. Segundo Marconi e Lakatos (2010), esse método representa importante instrumento de trabalho para as ciências sociais, pois se caracteriza pelo encontro entre duas pessoas para se conversar sobre determinado assunto que

será utilizado em uma investigação social, a fim de se coletar dados para a elaboração de um diagnóstico ou solução de um problema social.

As entrevistas podem ser realizadas por meio de mídias interativas, mas o ideal é que ocorra a presença física de ambos, entrevistado e entrevistador, para que não se perca a qualidade (VERGARA, 2014). Desse modo, as tatuadoras foram contatadas via mensagens no *Instagram*, *Whatsapp* e *e-mail* para esclarecer os objetivos e a dinâmica da pesquisa e agendamento dos encontros. As entrevistas da presente pesquisa foram, portanto, todas realizadas pessoalmente, sendo a maioria nos estúdios que as tatuadoras trabalham e algumas em *shoppings*, durante o período de 22 de outubro a 01 de novembro de 2019, totalizando 6 horas, 8 minutos e 57 segundos.

Uma das vantagens da entrevista é a sua flexibilidade. Caso não se compreenda algumas das questões, o entrevistador pode repetir, tentar elaborar de forma mais clara ou explicar algum termo desconhecido para o entrevistado (MARCONI; LAKATOS, 2010). O entrevistador pode, ainda, aprofundar o teor de algumas perguntas algo que não é possível em um questionário (COLLIS; HUSSEY, 2006). Outro benefício é que esse método “pode levar em conta comunicações não verbais do entrevistado como sua atitude e comportamento” (COLLIS; HUSSEY, 2006, p.162).

Nas entrevistas semiestruturadas, as perguntas podem ser modificadas de uma entrevista para outra ao surgir novos aspectos relevantes (COLLIS; HUSSEY, 2006). Isso ocorre porque esse método dá liberdade ao entrevistador de adequar a entrevista à situação e direcioná-la para a exploração de determinadas perguntas (MARCONI; LAKATOS, 2010).

O roteiro (Apêndice A) utilizado para guiar as entrevistas da presente pesquisa foi dividido em dois blocos. O primeiro bloco buscou traçar o perfil das tatuadoras entrevistadas através dos seguintes dados:

- Nome
- Idade
- Estado Civil
- Tempo de atuação
- Formação acadêmica
- Estilo de tatuagem
- Perfil dos clientes

O segundo bloco de perguntas estruturado por 14 questões abertas, alinhadas aos objetivos específicos desse trabalho, baseadas nas três fases do modelo de socialização profissional proposto por Hughes (2016) e Dubar (2005).

Para a primeira fase, a Passagem através do espelho, perguntas foram elaboradas

quanto à inserção de mulheres no mercado de tatuagens, considerando a cultura leiga e a cultura profissional. Na segunda fase, a Instalação da dualidade, as questões eram relacionadas à assimilação das tatuadoras sobre suas vidas profissionais, a partir do modelo ideal e o real da profissão. E por fim, para o Ajuste da concepção em si as entrevistadas foram questionadas acerca de suas carreiras e identidades profissionais após o abandono de estereótipos.

A seguir, tem-se um quadro resumindo a estrutura desse roteiro:

Quadro 1 – Blocos do roteiro da entrevista

Perguntas	Objetivos específicos	Objetivo dos grupos de perguntas
Bloco 1	-	Reunir dados sobre o perfil das entrevistadas.
Bloco 2	2.1	Colher relatos de como ocorre a inserção de mulheres no mercado de tatuagens, considerando a cultura leiga e a cultura profissional.
	2.2	Coletar informações de como as tatuadoras assimilam suas vidas profissionais, a partir do modelo ideal e o real da profissão.
	2.3	Obter informações sobre as percepções das tatuadoras acerca de suas carreiras e identidades profissionais após o abandono de estereótipos.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

4.4 Tratamento dos dados

O método utilizado para tratamento dos dados coletados na presente pesquisa foi o da análise de conteúdo, “método formal para a análise de dados qualitativos” (COLLIS; HUSSEY, 2005, p. 240). Trata-se de uma técnica que se desenvolveu através da necessidade dos meios de comunicação em massa em quantificar a volumosa quantidade de material que produziam (GIL, 2008).

Esse método permite que grandes quantidades de dados sejam tratadas e armazenadas em programas de computador, restando ao pesquisador a competência de interpretar os resultados obtidos (VERGARA, 2012). “O material analisado é qualificado em várias unidades de código que em geral são pré-construídas pelo pesquisador” (COLLIS; HUSSEY, 2005, p. 240). Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 84), essa técnica de pesquisa é caracterizada pela “objetividade, sistematização e inferência”.

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é organizada em três etapas: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na primeira etapa, as ideias serão organizadas e sistematizadas a fim de cumprir as três

missões seguintes: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2016, p. 125). Desse modo, a pré-análise da presente pesquisa constituiu em definir os objetivos específicos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, apresentar o referencial teórico como fundamento para a criação das categorias de análise, bem como a elaboração do instrumento de pesquisa e a realização e organização das entrevistas.

A etapa seguinte consiste na exploração do material, que para Bardin (2016), trata-se de um processo longo de codificação dos dados com base nas ideias anteriormente estabelecidas. Nessa codificação, os dados brutos passam por uma transformação que “por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível a esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices” (BARDIN, 2016, p. 131).

O recorte do texto deve ser realizado por meio da definição das unidades de registro e unidades de contexto dos dados coletados. Bardin (2016) define unidade de registro como o “segmento de conteúdo considerado como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial” (p. 134). Enquanto que a unidade de contexto “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (p. 137).

Desse modo, as categorias de análise da presente pesquisa foram definidas como sendo as três fases do processo de socialização profissional proposto por Hughes (2016) e estabelecidas por Dubar (2005): passagem através do espelho, instalação da dualidade e ajuste da concepção em si, a fim de que se alinhassem aos objetivos específicos desse estudo. A partir das categorias de análises, foram estabelecidas nove unidades de contexto, e estas, foram subdivididas em várias unidades de registro, conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 – Categorias de análise, unidades de contexto e unidades de registro

CATEGORIAS DE ANÁLISE	UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO
Passagem através do espelho	Motivações	Desenhar
		Gostar de tatuagem
		Alternativa de profissão
		Rentabilidade
		Curiosidade
		Referência feminina
		Liberdade
	Habilidades/Aptidões	Desenho
		Lidar com pessoas

		Disciplina
		Coordenação motora
		Senso estético
		Ética
		Autogerenciamento
		Paciência
	Inserção	Incentivo
		Treinamento
		Insegurança
		Informalidade
		Preconceito
Rejeição familiar		
Instalação da dualidade	Modelo Idealizado	Estigmatização
		Glamorização
		Liberdade
		Profissão masculinizada
		Não tinha
	Modelo Real	Redes sociais
		Etapas de criação
		Biossegurança/limpeza
		Gerenciamento
		Dedicação
		Afazeres domésticos e maternidade
	Dificuldades/incômodos	Cansaço
		Machismo
		Desvalorização
		Subestimação
Machismo		
Ajuste da concepção em si	Abandono de estereótipos	Liberdade de criação
		Retorno financeiro
		Produção
		Evolução técnica
		Oportunidades
	Identidade profissional	Modelo tradicional
		Estilo da tatuagem
		Atendimento
	Carreira	Perfil nas redes sociais
		Viagens
		Estúdio
		Apoio
Capacitação		
Esforço		
Oportunidades		
Realização		
Reconhecimento		

Fonte: Adaptado pela autora (2019).

Por fim, os dados foram gerenciados com o auxílio do software Atlas ti 7, ferramenta que otimizou a codificação das categorias de análise e das unidades de contexto e registro, para posterior análise dos resultados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados dos dados obtidos por meio da presente pesquisa. Primeiro é feita uma caracterização das tatuadoras, a qual expõe dados sociodemográficos e profissionais das entrevistadas e, posteriormente, tem-se a discussão das informações coletadas que busca responder os objetivos específicos estipulados para esse estudo.

5.1 Perfil das tatuadoras entrevistadas

Ao todo participaram das entrevistas dezesseis mulheres que exercem de forma profissional o ofício de tatuadora na cidade de Fortaleza, Ceará. Os dados sociodemográficos coletados demonstram que as entrevistadas possuem entre 21 a 39 anos, são majoritariamente solteiras e o tempo de atuação como tatuadoras varia de um ano e três meses a cinco anos.

Observou-se, também, que das dezesseis entrevistadas, metade não concluiu a graduação ou não ingressou o ensino superior, quatro são graduadas em Design de Moda, uma está concluindo o curso de Arquitetura, uma possui mestrado e doutorado e duas são graduadas em cursos diversos. Ressalta-se que, dessas oito entrevistadas que são graduadas ou graduandas, cinco delas possuem formação acadêmica atrelada ao desenho técnico.

Tais dados sociodemográficos, relativos à idade, tempo de atuação no ofício, estado civil e formação acadêmica, são explicitados no quadro a seguir:

Quadro 3 – Caracterização das entrevistadas

Entrevistada	Idade	Tempo de atuação	Estado Civil	Escolaridade
Tatuadora 01	23	1 ano e 6 meses	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 02	28	2 anos e 5 meses	Solteira	Graduada em Design de Moda
Tatuadora 03	26	1 ano e 8 meses	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 04	21	1 ano e 4 meses	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 05	27	5 anos	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 06	22	3 anos	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 07	22	1 ano e 8 meses	Solteira	Graduada em Publicidade
Tatuadora 08	29	4 anos	Solteira	Graduada em Serviço Social e Graduanda em Dança
Tatuadora 09	37	5 anos	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 10	39	3 anos e 7 meses	Solteira	Graduada em Design de Moda
Tatuadora 11	34	2 anos e 4 meses	União estável	Graduada em Design de Moda
Tatuadora 12	30	1 anos e 3 meses	Solteira	Graduada em Ciências Biológicas, Mestra e Doutora em Botânica
Tatuadora 13	30	4 anos	Solteira	Graduada em Design de Moda
Tatuadora 14	24	4 anos	Solteira	Ensino médio completo
Tatuadora 15	24	2 anos	Solteira	Graduanda em Arquitetura
Tatuadora 16	30	3 anos	Solteira	Ensino médio completo

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No primeiro bloco da entrevista, as tatuadoras foram questionadas, também, quanto ao estilo de tatuagem que elas trabalham e o público que atendem. A seguir estão algumas informações coletadas relativas a tais aspectos do trabalho:

- a) Sete das tatuadoras entrevistadas utilizaram palavras e expressões tais como: “traços finos”, “*fineline*”, “traços delicados” e “minimalista” para definir seus estilos.
- b) Parte majoritária das entrevistadas disse atender mais mulheres do que homens.
- c) Cinco delas mencionaram o público LGBT como potenciais clientes.
- d) A tatuadora 4 não definiu seu público, mas pontuou que no estúdio em que trabalhava o público era mais elitizado e, ao se mudar para o espaço cultural em que trabalha atualmente, sentiu uma maior identificação com seus clientes.

No quadro 4 a seguir, estão agrupadas algumas expressões e frases que foram encontradas nas falas das entrevistadas para definir seus estilos de tatuagem.

Quadro 4 – Estilos de tatuagem

Entrevistada	Estilo de tatuagem
Tatuadora 01	Mandala; pontilhismo; traço fino; arabesco; desenhos autorais.
Tatuadora 02	Neotradicional.
Tatuadora 03	Coisas delicadas; detalhes; marcante; fino; carinhoso; fofinho.
Tatuadora 04	Traço e ponto; traço solto; fluida; cores.
Tatuadora 05	Ilustração; traço preto; algumas coloridas; desenhos autorais; gótico, bruxas; plantas; mar.
Tatuadora 06	Traços mais finos; minimalista.
Tatuadora 07	<i>Fineline</i> ; fonte; traços finos.
Tatuadora 08	Pontilhismos; trabalho traçado; com sombreado.
Tatuadora 09	Tatuagem grande; preto-cinza.
Tatuadora 10	Traços delicados.
Tatuadora 11	Próprio; ilustração.
Tatuadora 12	<i>Dotwork</i> ; pontilhismo, realismo.
Tatuadora 13	Preto; <i>boldline</i> ; <i>old school</i> .
Tatuadora 14	Preto; <i>blackwork</i> ; <i>black-gray</i> ; realismo; ornamentos; arte <i>nouveau</i> , arte clássica.
Tatuadora 15	Minimalista; <i>fineline</i> .
Tatuadora 16	Minimalista; <i>blackwork</i> ; preto; pontilhado.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A seguir, o Quadro 5 sistematiza a caracterização dos públicos majoritários das tatuadoras.

Quadro 5 – Perfil dos clientes

Entrevistada	Perfil dos clientes
Tatuadora 01	Mais mulheres do que homens; de 19 a uns 35.
Tatuadora 02	Mais homens; mais jovem.
Tatuadora 03	Mais homens.
Tatuadora 04	-
Tatuadora 05	Maioria mulheres e LGBT.
Tatuadora 06	Muito mais mulher.
Tatuadora 07	Maioria mulher e homossexual.
Tatuadora 08	80% feminino; maioria dos homens é LGBT.
Tatuadora 09	Mesclado.
Tatuadora 10	Predominantemente feminino.
Tatuadora 11	90% mulher, entre 18 e 40 anos; homens não heterossexuais.
Tatuadora 12	80% mulheres; 20% homens, gays e heterossexuais.
Tatuadora 13	Maioria mulheres; bastantes homens.
Tatuadora 14	Mais mulheres; muitos homens.
Tatuadora 15	Dois terços é mulher e um terço é homem; maioria entre 20 e 25 anos.
Tatuadora 16	Cerca de 70% de mulheres e 30% de homens; parcela bem pequena de pessoas não binárias ou trans.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Embora tais dados não sejam objetos diretos da presente pesquisa, eles ajudam a ter uma melhor percepção do universo em estudo, além de colaborarem com a averiguação das categorias de análise identificadas nas entrevistas, conforme subseção a seguir.

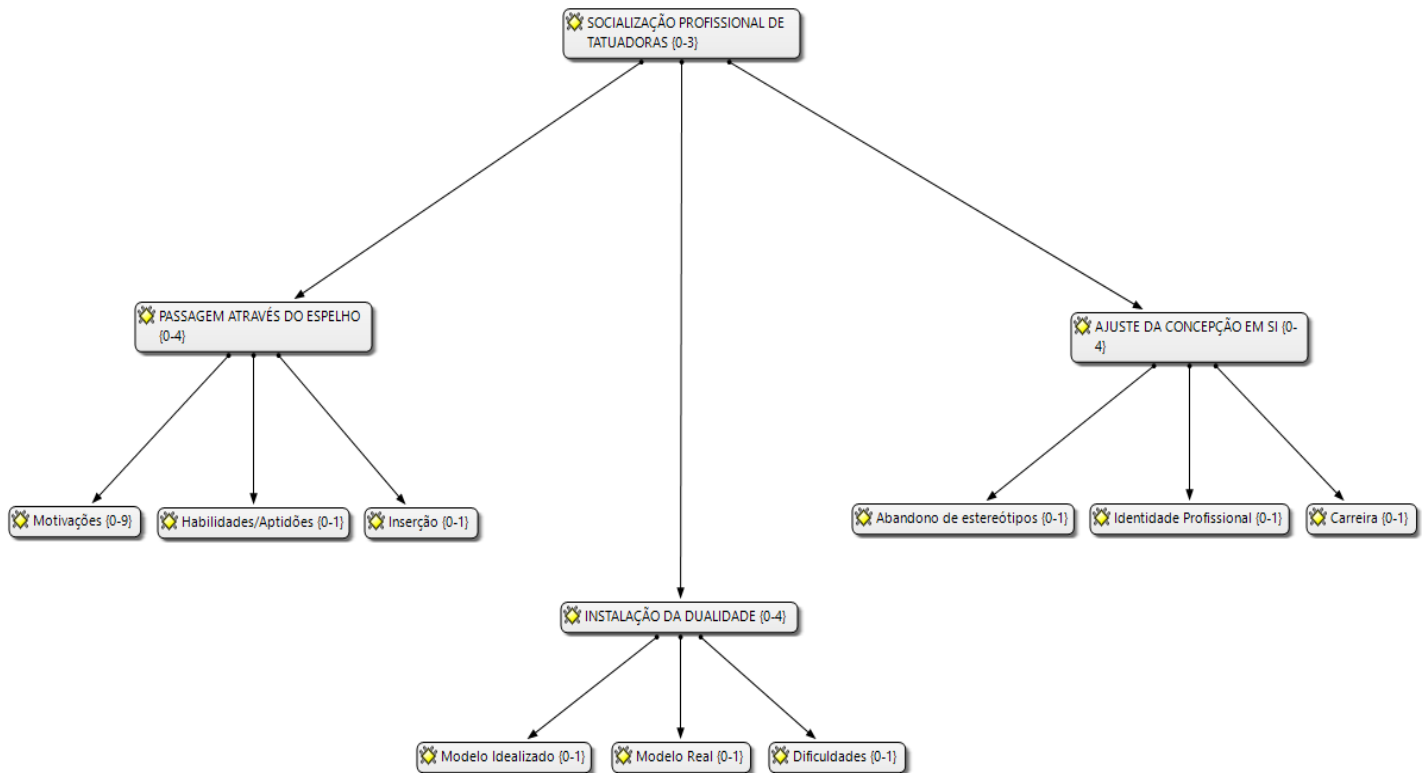
5.2 Análise da socialização profissional de tatuadoras

O presente tópico traz uma análise das transcrições das entrevistas realizadas com as 16 tatuadoras de Fortaleza, a fim de se alcançar os objetivos específicos desse estudo, que são: compreender como ocorre a inserção de mulheres no mercado de tatuagens, verificar como as tatuadoras assimilam suas vidas profissionais e entender quais as percepções das tatuadoras sobre suas carreiras e sobre suas identidades profissionais após o abandono de estereótipos. Objetivos os quais estão atrelados às três etapas do modelo de socialização profissional proposto por Hughes (2016): Passagem através do espelho, Instalação da dualidade e Ajuste da concepção em si. Cada uma dessas etapas foi definida como uma categoria de análise.

Os resultados são apresentados sob a ótica das tatuadoras entrevistadas e as unidades

de contexto e de registro sob o auxílio da ferramenta *Network View*, do software ATLAS.ti 7. As unidades foram codificadas, e cada código apresentou um par ordenado, no qual o da esquerda indica a quantidade de unidades de contexto que se associa ao código e o da direita representa a frequência com que as unidades aparecem.

Figura 1- Relação entre as categorias de análise e as unidades de contexto.



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

As subseções a seguir apresentam análise dos resultados obtidos de cada unidade de contexto e suas respectivas unidades de registro.

5.2.1 *Passagem através do espelho: a inserção profissional*

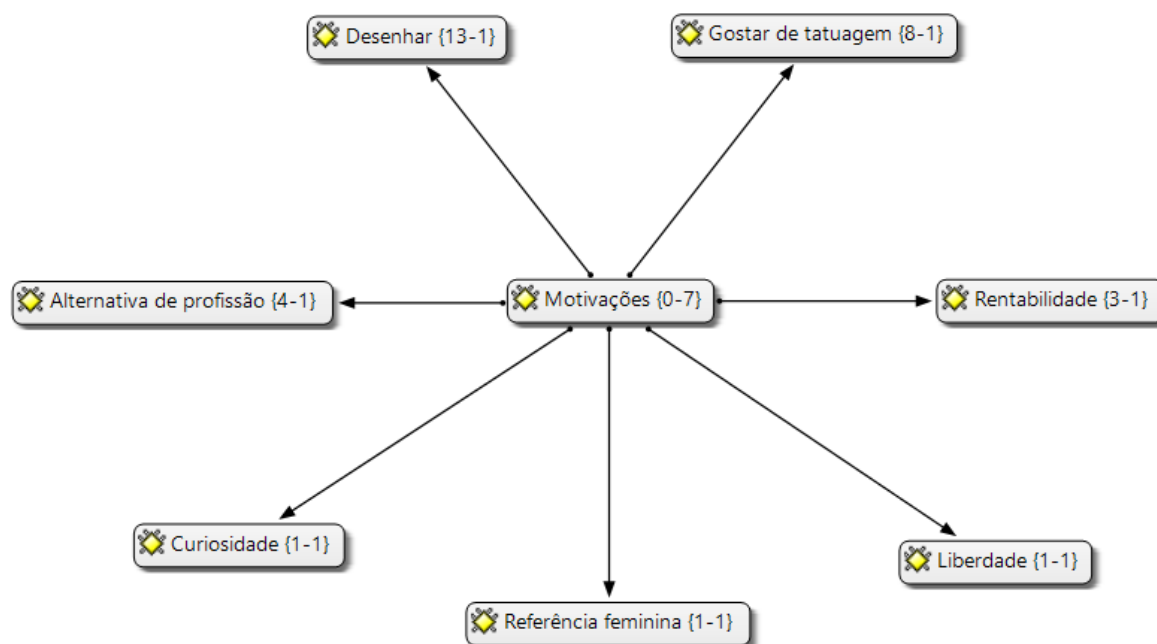
Levando em consideração o modelo de socialização profissional proposto por Hughes (2016), a passagem através do espelho representa o momento inicial da socialização profissional, o qual as entrevistadas ingressaram no mercado de tatuagem e passaram a confrontar as percepções que tinham do ofício de tatuadora, construídas pela cultura leiga, com o entendimento que adquiriram da profissão ao vivenciá-la.

A fim de compreender como ocorre essa inserção de mulheres no mercado de tatuagens, considerando a cultura leiga e a cultura profissional, primeiro objetivo estipulado

desse estudo, as entrevistadas foram questionadas sobre suas motivações, habilidades e aptidões, e inserção na carreira.

Para a unidade de contexto *Motivações*, perguntou-se: “O que despertou seu interesse em ser tatuadora? Qual a razão da escolha desse ofício?”. A figura a seguir apresenta os principais motivos que levaram as entrevistadas a iniciarem a carreira de tatuadora, resumidos em sete unidades de registro:

Figura 2 - Motivações



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A unidade de registro majoritariamente mencionada foi a *desenhar*. Para treze das entrevistadas, a prática do desenho é algo muito presente em suas vidas e que, para algumas dessas, ocorre desde quando elas eram crianças, o que corrobora com DeLuca (2015) que realizou um estudo com sete tatuadores de Porto Alegre e afirma que o início dessa carreira pode ser identificado na infância e que a escolha pela profissão de tatuador pode ser atrelada às memórias que se tem da prática do desenho durante essa fase da vida.

Desse modo, gostar de desenhar e ter seus desenhos apreciados por terceiros foram fatores que contribuíram para o interesse das entrevistadas em escolher uma profissão que envolvesse tal atividade, conforme relatos: “[...] em 2014 eu comecei a trabalhar num estúdio, como recepcionista. Nisso, o tatuador do estúdio viu meus desenhos e disse que eu levava jeito, e se ofereceu para me ensinar. Aceitei e ele me ensinou” (T5).

[...] eu desenho desde os nove anos [...]. E aí [...] quando eu comecei a trabalhar, eu trabalhei no *shopping* para pagar a faculdade, [...] um dia eu tava desenhando lá, sem fazer nada e entrou um tatuador, [...] e aí ele viu meu desenho e perguntou se eu não queria vender os desenhos para ele em troca de tatuagem, [...] eu cheguei para ele e falei “não, eu prefiro que você me ensine, me dê aulas, e aí lhe vendo meus desenhos e você me dá aula de tatuagem” (T7).

[...] eu sempre desenhei desde criança e quando eu tava no ensino médio, eu não sabia muito bem como eu ia conseguir trabalhar com desenho, e quase cheguei a desistir de trabalhar com isso, porque eu não via perspectiva, eu não pensava em ser designer ou fazer arquitetura, por que sentia que era algo que eu não me encaixava (T14).

Eu já desenhava, eu desenho desde criança. Meu trabalho sempre foi desenhar em alguma medida. Quando eu comecei a trabalhar com 18, como ilustradora e quadrista, muitas pessoas olhavam pro meu traço no papel, no computador, enfim, nas redes sociais, e não foram poucas que deram o toque “ei, eu queria tatuar o que você desenha”, “eu podia tatuar o que você desenha?”, aí tal hora eu também comecei a fazer encomenda de desenhos pras pessoas tatuarem e aí, eu me dei conta, me deu um estalo que levou um certo tempo até eu me dar conta, tipo, “tá, eu posso eu mesma fazer essas tatuagens, então, eu posso aprender a tatuar (T16).

Com oito citações, outra motivação bastante mencionada foi o fato de *gostar de tatuagem*. Observa-se em algumas tatuadoras o fascínio em ornar o corpo “[...] desde pequena eu amava tatuagem, amava estar em estúdio tatuagem também. Minha primeira tatuagem foi com 15 anos” (T1). “[...] desde muito pequena eu me lembro que eu já me riscava. Não podia ter uma caneta na mão que já me riscava e desenhava na pele. [...] e aí eu sempre tive essa vontade, tanto de me tatuar, quanto de aprender a fazer.” (T5) “eu sempre via as pessoas tatuadas e sempre achei muito atrativo” (T4).

Para outras, a motivação surgiu em razão da *rentabilidade* do ofício. As tatuadoras 8 e 10, por exemplo, almejavam profissões que pudessem exercer atividades atreladas às artes e ao desenho e perceberam que o mercado de tatuagem era uma boa opção, conforme relatos: “eu não queria mais trabalhar em fábrica, que era o meu trabalho na moda, e eu queria desenhar. Acabou que a área de desenho que eu achei mais rentável foi a tatuagem” (T10).

[...] eu sempre gostei muito de artes, né? Só que [...] eu não sabia como ganhar dinheiro com isso e a tatuagem foi o meio mais fácil que eu encontrei de conseguir dinheiro com que eu produzo. [...] eu acho que, por exemplo, eu não conseguia vender um quadro por r\$ 250, r\$ 500 e r\$ 600, entendeu? Mas eu consigo fazer uma tatuagem por esse valor, e é assim que eu to me mantendo, né? (T8).

Outra motivação para adentrar no mercado de tatuagem foi a necessidade de ter uma *alternativa de profissão*, unidade de registro mencionada quatro vezes nas entrevistas. A tatuadora 12 não via boas condições para ingressar na área a qual possuía formação, a mesma possui doutorado em botânica, mas encontrava-se desmotivada diante o cenário político:

[...] nunca tinha imaginado que eu ia ser tatuadora na minha vida, mas a perspectiva política do país né? Você vendo a universidade sendo totalmente sucateada, eu sou

bióloga, então, o meio ambiente também está sendo completamente sucateado. É, Ministério do meio ambiente sendo fundido com o Ministério da Agricultura. Enfim, todas as absurdas que a gente viu, né, no começo do governo do Bolsonaro e toda aquela questão política e foi justamente quando eu comecei, mais ou menos, né? Tava meio em frisson, assim, e aí, eu decidi que eu precisava ter um plano B (T12).

Outra unidade de registro identificada foi a da *curiosidade*. Ao ver outras pessoas praticando o ofício de tatuador, duas entrevistadas disseram sentir curiosidade em aprender como funcionava a prática de tatuar: “eu sempre assisti muito é, seriado tipo, *My INK*, então sempre me despertou essa curiosidade de, porque eu sou muito curiosa pra saber como as coisas são feitas, entendeu?” (T2).

[...] na casa do Ramon, vagou esse quarto, né, que era o quarto da Raquel e aí, ele botou o quarto para alugar, eu aluguei e fiquei morando lá um tempo. E aí, no que eu tava morando lá, eu ficava observando ele tatuando, a gente ficou amigo, não sei o que, aí ele vendo a minha curiosidade, foi incentivando, sabe? (T15)

A tatuadora 10, que possui formação em Moda, trabalhava com artes, mencionou o desejo de seguir uma carreira que lhe proporcionasse mais *liberdade*: “já trabalhava de certa forma com arte quando fazia moda, e a tatuagem foi uma decisão para eu ter mais liberdade na minha profissão, de viajar, trabalhar” (T10).

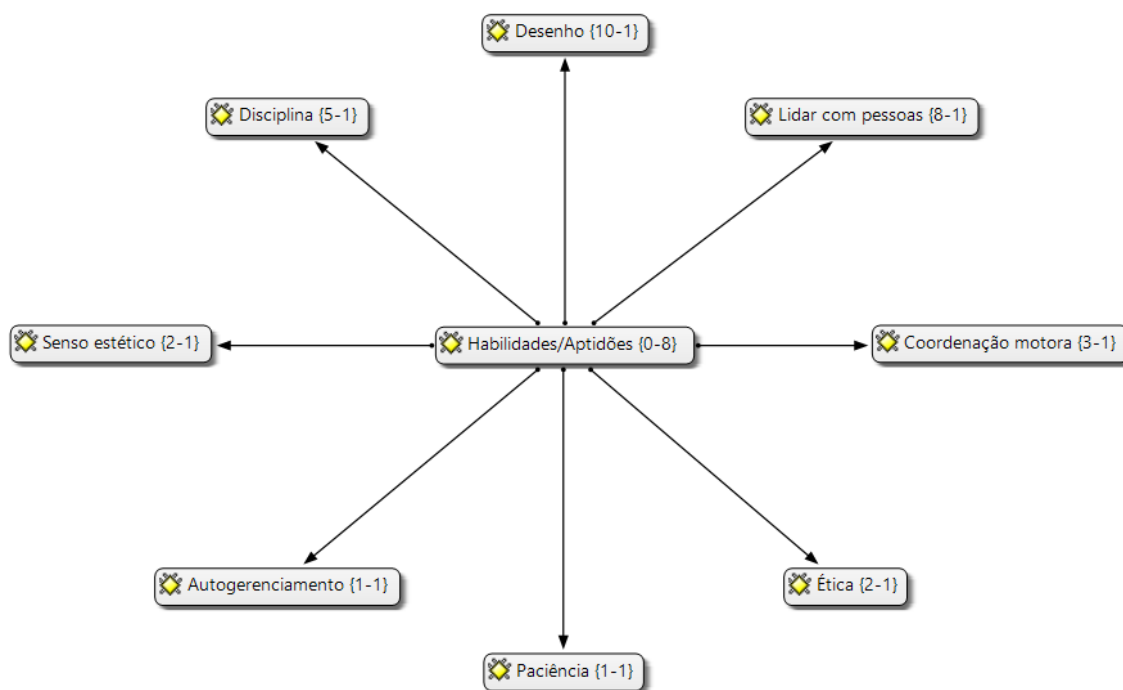
Foi citada também uma *referência feminina* como motivação de uma das entrevistadas. A tatuadora 14 demonstra ter ficado surpresa quando viu uma mulher tatuando em um programa de televisão.

O que me fez despertar foi sentir a possibilidade de ser tatuadora, de ser uma mulher tatuando quando eu vi uma mulher tatuando, naqueles programas de tatuagem de TV a cabo. Aí eu vi a Kat Von D desenhando, produzindo um desenho pra tatuagem e aquilo me deu um estalo: “Ela está desenhando! Ela vai tatuar (T14).

A segunda unidade de contexto a ser analisada é a de habilidade e aptidões, na qual apresentam características e habilidades que as tatuadoras possuíam ou achavam necessárias à prática da tatuagem. Para colher tais dados, foi perguntado “Quais aptidões e habilidades você possuía e que achava serem necessárias para o exercício dessa profissão?”.

A figura a seguir apresenta as oito unidades de registro encontradas:

Figura 3 – Habilidades/Aptidões



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Ter habilidade com *desenho* dividiu opiniões entre as entrevistadas. Algumas disseram que se trata de um senso comum e que é possível não dominar tal habilidade nesse meio, mas outras citaram como algo básico e essencial para o exercício da profissão. Para Spudeit e Cunha (2016), esses conflitos são naturais nessa fase primeira fase, pois é um momento caracterizado pela incompatibilidade de ideias propagadas entre a cultura do senso comum e a realidade da cultura profissional.

Segundo o que eu escutei no começo, não precisava saber desenhar, né? Porque tem o decalque e tal, mas eu acho que é essencial saber alguma coisa de desenho porque até eu mesmo, às vezes, eu me perco porque você vai limpando e vai fazendo e vai sumindo o decalque e você começa a desesperar. Ou até quando você erra, você tem uma noção de como consertar ali que ninguém sabe o que aconteceu. E a pessoa sem essa noção não é legal (T9).

Foi mencionada, por exemplo, que uma aptidão necessária era a da *coordenação motora*. Uma das tatuadoras, por exemplo, contrapõe a necessidade de se dominar a técnica do desenho e defende que o essencial é ter habilidades manuais diante os equipamentos:

[...] existe a aptidão mínima de dominar a máquina e dominar o trabalho em si de aplicar a tinta na pele, que é a parte mais literal do ofício [...], manusear o aparelho [...] apesar de existir essa ideia assim “ah não, você tem que desenhar perfeitamente, tecnicamente, realisticamente”, a tatuagem nunca, não é que nunca, mas a origem, o nascer da tatuagem tá muito fora disso. Tanto da tatuagem improvisada, que as pessoas faziam ou fazem sem o contexto do estúdio ou a tatuagem tradicional mesmo, em culturas que não a ocidental, né? (T16)

Outra habilidade bastante citada, com oito menções, foi a de saber *lidar com pessoas* “tem que ter sensibilidade no trato com o cliente. Chega um momento que [...] acaba sendo a maior parte do trabalho, e eu acho que isso é o mais importante.” (T10); “[...] não é, tipo, um desenho no papel, né? É na pele de uma pessoa, você tem que se relacionar com essa pessoa. Então [...] eu acho que na tatuagem você tem que ir além da questão técnica, do desenho” (T11);

Apesar de ser estressante, eu gosto muito de trabalhar com o público, de ouvir e contar histórias. E eu acho isso fundamental na tatuagem, principalmente pela forma que eu trabalho, que são os desenhos autorais e *flashes* específicos. É uma parte do trabalho que eu amo fazer, estar tatuando e entendendo porque a pessoa está fazendo aquela tatuagem, a história dela, que momento ela está vivendo (T5).

[...] lidar com a pessoa porque tem gente que eu já fui me tatuar algumas vezes nuns cantos e era, tipo assim, parece que você é um saco de batata e tipo [...] muitas vezes o que traz o cliente é você, o seu carisma, a sua forma de atender, claro que o trabalho, né, isso é o básico, tem os diferenciais e é uma coisa que você não pode deixar passar, é um pacote completo, não é só tatuar bem (T6).

A *disciplina* foi uma unidade de registro que definiu o que cinco tatuadoras mencionaram como a necessidade de a pessoa estar sempre estudando e praticando para o aperfeiçoamento do trabalho, como demonstram as falas das tatuadoras 15 e 7: “é um negócio muito na prática mesmo. Eu fico surpresa, tatuo há dois anos e na arquitetura eu não sentia a evolução como eu sinto na tatuagem, que cada coisa que eu tatuo é, assim, mais fácil” (T15).

É treinar muito, estudar muito, é ter muito conhecimento, não é só pegar a agulha enfiar na pele da pessoa, você precisa estudar porque cada técnica, cada coisinha de tatuagem é uma coisa diferente, quanto mais você estuda, mais você aprende, mais você ganha o dinheiro (T7).

O *senso estético* foi mencionado duas vezes. Uma das entrevistadas a qual acredita que o ofício não exige necessariamente a habilidade do desenho, disse achar necessário que uma tatuadora tenha uma “visão boa”:

[...] eu acho que a pessoa precisa minimamente ter uma habilidade artística de saber desenhar, não necessariamente saber desenhar alguma coisa e tudo mais, mas ela tem que ter uma visão boa, sabe? Assim, porque isso, essa parte do desenho, ela pode resolver no computador, se ela tiver um curso de designer gráfico, por exemplo, né? Mas eu acho que ela tem que ter uma boa noção de estética.” (T8)

A questão da *ética* também foi abordada por duas tatuadoras, pois, no exercício da profissão, lidam com duas questões muito delicadas e recorrentes no meio: a do assédio com clientes e a de cópia de artes de outros profissionais. Segundo a tatuadora 14, é preciso “ter noção do que fazer e não fazer, respeitar a pessoa e a ideia” (T14). Outra tatuadora reforça sobre a carência de um ensino formal que aborde tais pontos:

[...] ser uma pessoa ética, sabe? Principalmente na parte de tatuagem, por exemplo, ser extremamente informal. Não existe curso, assim, existe o curso, mas nem os cursos abordam tanto a parte de atendimento, de tratamento com cliente, de ética profissional, de não copiar ou de não, é... A gente escuta muito história de assédio de tatuadores, os homens com pessoas, né? Com mulheres (T12).

Foi abordado também o ponto do *autogerenciamento*. Para aquelas que trabalham de certa forma independente, não possuem pessoas cuidando da parte financeira, de agendamento com clientes, de marketing e de compras de materiais, e precisam gerenciar todas essas atividades, é preciso saber se autogerir.

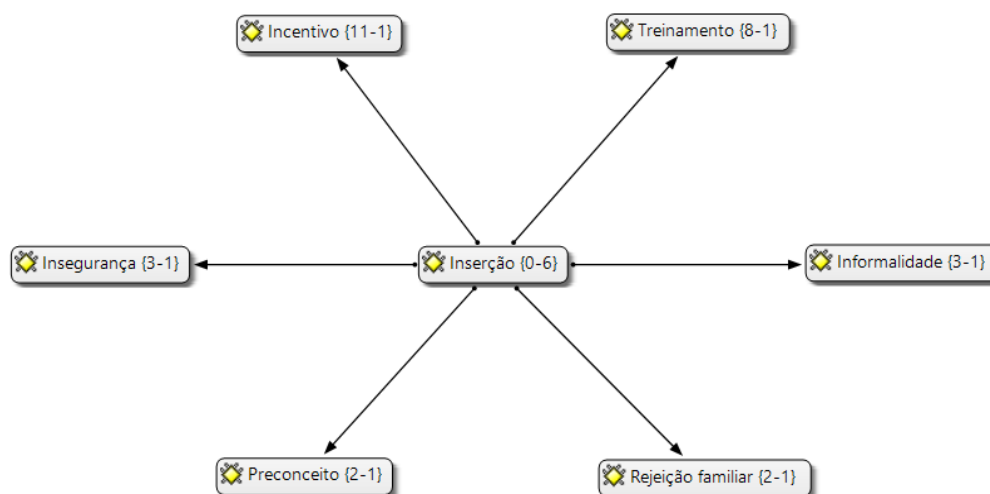
A coisa de gerir o dinheiro, verba de quanto entra, quanto sai, e quanto você gasta de material e de se autogerir que eu acho que é uma habilidade que eu não tenho tanto, que é saber horários, rotina, não deixar as coisas pra última hora que a gente, você meio que tem que se gerir, [...] (T12).

Uma das entrevistadas pontuou, ainda, que a profissão exige que a pessoa tenha também muita *paciência* porque além de ter algumas portas fechadas no momento em que se está ingressando no mercado, durante o exercício da profissão sempre haverá algo para aprender e melhorar.

[...] ter muita paciência, saber que vai ouvir muitos não porque, tipo, sempre você vai ter o que melhorar, sempre você vai ter o que melhorar, nunca vai estar perfeito, entendeu? Sempre você vai poder fazer alguma coisa ali que vai deixar a tatuagem mais bonita, tanto um traço mais grosso por fora para sustentar os traços finos dentro, como o local do corpo que poderia ter sido outro. Sempre vai ter alguma coisa que tu vai aprender, entendeu? (T1).

Finalizando a primeira categoria de análise, tem-se a unidade de contexto inserção, a qual apresenta relatos das experiências das entrevistadas ao se inserirem no mercado de tatuagem. Foram identificadas seis unidades de registro, conforme figura a seguir:

Figura 4 – Inserção



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Ao serem questionadas sobre “Como foi sua experiência no início do exercício da atividade de tatuadora?”, a unidade de registro majoritariamente mencionada foi a do *Incentivo*. De alguma maneira a maioria delas recebeu ajuda ou apoio de terceiros para iniciar a carreira de tatuadora, inclusive de outros tatuadores, o que se a contrapõe a umas das ideias do estudo de Adams (2012). O autor afirma que a indústria de tatuagem é caracterizada pelo individualismo e pela baixa cooperação, gerando uma concorrência que ele denomina de intensa e endêmica.

Seguem alguns relatos das entrevistadas sobre a ajuda que receberam: “[...] com ajuda de um amigo meu, [...], porque o material é muito caro. Aí ele me ajudou a comprar o material e aí, tipo, eu fiquei pagando ele aos poucos” (T1); “Nisso o tatuador do estúdio viu meus desenhos e disse que eu levava jeito, e se ofereceu para me ensinar. Aceitei e ele me ensinou” (T5); “[...] eu era muito amiga da pessoa que me ensinou, então, ele me deu total abertura pra aprender e tudo [...] ele me deu bastante suporte” (T13);

[...] quando eu pedi demissão do emprego, todo mundo disse assim “tô muito feliz por ti que agora finalmente tu vai seguir o que tu queria muito e tal”, e eu fui apoiada assim pelos meus amigos e a galera que já convivía assim comigo na questão profissional, sabe? (T4);

Eu tenho um amigo que tatuava lá na minha cidade, porque eu sou de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Aí eu fui atrás dele pra tirar umas dúvidas. Ele tem uma experiência enorme, eu admiro muito o trabalho dele, aí foi quem me emprestou a primeira máquina, que eu peguei, assim. E aí foi que eu comecei” (T16).

Outras tatuadoras mencionaram a necessidade de realizar um *treinamento* antes de começar a cobrar pelos seus trabalhos: “desde que eu [...] comecei, aprendi, até de fato começar a trabalhar com isso, durou alguns meses” (T16);

[...] eu chamei muitas cobaias, muitos amigos cobaias pra treinar bastante na pele, treinei, treinei, errei algumas pessoas, tá entendendo? Mas todas essas pessoas eram amigos que aprovavam eu usar eles de cobaia. Aí eu fiz uma promoção falando que eu era tatuadora iniciante pra poder as pessoas virem e eu começar a treinar. Então, todo mundo que vinha, sabia que eu tava iniciando e aí eu comecei, digamos assim, a tatuar, tirar foto e publicar na internet e as coisas foram crescendo. Mas, no começo, eu passei quase oito meses de experiência, digamos assim, de cobaia, de treinando até eu ter certeza de que eu poderia cobrar por uma coisa (T7);

[...] joguei assim no *Instagram* “ei, galera quem quiser umas tatuagens de graça...”, choveu de gente que até hoje eu não entendo a loucura do juízo dessa galera, mas agradeço, assim, pra todo sempre. Aí comecei a praticar e num cobrava nada no começo. Aí fui pegando mais confiança, aí fui cobrando, assim, o valor do material. Aí, quando eu vi, mulher, eu cresci do nada, completamente do nada, eu tava, virei tatuadora (T15).

Para algumas tatuadoras, o período de inserção nessa atividade é marcado também pela questão da *insegurança*, mencionada três vezes: “eu [...] tinha muito medo de riscar alguém para vida inteira dela ou que ia doer na pessoa” (T11); “Eu fiquei muito ansiosa, suava bastante, tanto que precisei trocar de luva umas três vezes” (T5); “[...] eu achava que tava tão ruim, eu chorava” (T6).

Outro ponto reforçado por três tatuadoras foi sobre a *informalidade*, pois existe certa facilidade para montar uma estrutura e realizar a prática da tatuagem. Algumas tatuadoras disseram que começaram o ofício nas suas próprias casas. No entanto, com o passar do tempo, foram se incomodando com essa situação e sentindo a necessidade de um espaço mais profissional: “[...] fiquei um tempo tatuando [...] nessa casa que a gente dividia, aí a gente se mudou, [...] eu fiquei tatuando na minha casa, mas aí comecei a sentir falta de um espaço mais, mais direitinho, sabe? Menos informal” (T15);

[...] eu comecei a tatuar em casa, eu nunca gostei porque eu nunca achei que era profissional. Assim, porque eu achava que tinha que ter uma coisa, assim, [...] um ambiente mesmo que a pessoa chegasse e se sentisse confortável porque como eu fazia em casa, mora eu, minha mãe e minha irmã, então, eu sentia que tava também, é, invadindo o espaço dela, tipo, levando pessoas desconhecidas pra minha casa, então, eu não me sentia a vontade (T2).

Duas tatuadoras disseram, também, que foram vítimas de *preconceito* ao iniciar a profissão: “fui mal recebida pelos meus colegas. Sofri preconceito por ser mulher, por ser mais velha e por ter começado bem” (T10); “Eu não sei se quando um homem começa a tatuar é assim, mas pra mim eu senti muita dificuldade na credibilidade, da pessoa olhar pra mim e colocar aquela confiança em mim” (T14).

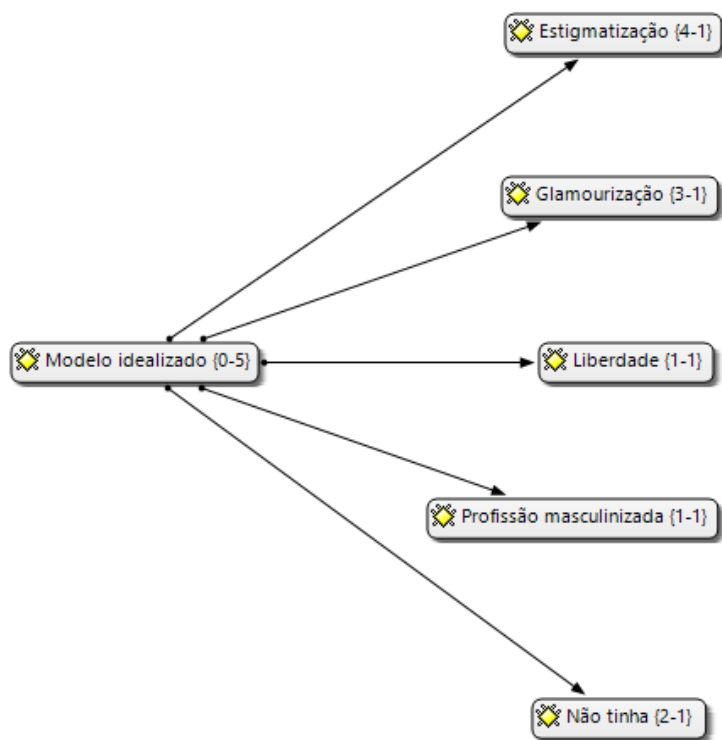
Por fim, duas entrevistadas pontuaram a existência da *rejeição da família* tanto com tatuagens em si, como com a prática de tatuar: “todo mundo me apoiou, exceto minha família” (T4); “meus pais também não gostavam de tatuagem, meu pai ficou muito chateado,

deixou de falar comigo quando ele viu a da minha nuca porque eu escondia, né?” (T2).

5.2.2 Instalação da dualidade: o modelo ideal e o real da profissão

Para entender o modelo profissional idealizado pelas tatuadoras, foram feitas duas perguntas: “Antes de se tornar tatuadora, como você imaginava que seria a prática da profissão?” e “Você já tinha algum contato prévio com a profissão? Havia alguém de seu círculo familiar ou de amigos que era tatuador?”. A figura a seguir apresenta quais unidades de registro foram obtidas com tais indagações.

Figura 5 – Modelo idealizado



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A *estigmatização* da tatuagem foi um ponto quatro vezes mencionado nas falas das entrevistadas. Algumas tatuadoras disseram que existe uma concepção de agressividade perante as pessoas tatuadas e aquelas que tatuam. O estigma construído ao longo do tempo de que a prática de ornar o corpo está atrelada a membros marginalizados da sociedade ainda é algo difundido no meio, o que confirma a ideia de Swami e Furnham (2007) de que a tatuagem ainda possui forte conotação negativa, especialmente para as mulheres. E mostra também, que o estereótipo de esses indivíduos pertencerem a movimentos de contracultura

apresentado por Rodriguez e Carreiro (2014), ainda é presente. A tatuadora 15 relata que os estúdios mais tradicionais passam bastante essa ideia, mas que aos poucos foi conhecendo tatuadores que fugiam desse modelo estereotipado:

Acho que a gente tem aquela visão bem estereotipada, né? Do tatuador que é todo tatuado uma coisa meio *punk rock*, caveiras, *rock n' roll* e tal. E as minhas primeiras experiências com tatuagem, antes de eu começar a tatuar, quando eu fui ser tatuada, é, eu desde os 15 anos que já... Fiz minha primeira tatuagem com 15 anos, louca, escondida dos meus pais, bem rebelde... Já foi assim nessa dinâmica de estúdio já, bem realmente, bem nesse, na coisa mesmo bem padrão, né, bem comercial e tudo mais. Aí, eu fui começando a conhecer o trabalho de um pessoal que já fugia um pouco dessa dinâmica, né? E aí, com isso, foi dando, enfim... Eu comecei a entender que não existe só uma forma de se trabalhar com tatuagem (T15).

Ainda sobre estigmas, a tatuadora 15 relatou, no entanto, que obteve uma percepção diferente sobre tatuagem durante seu crescimento, uma vez que sua família veio da Síria, lugar onde tatuar o corpo representa um ato religioso:

[...] a minha família é síria, meu pai veio da Síria, minha vó... E essa galera que veio da Síria, essa primeira geração que veio pro Brasil, eles vieram já, assim, um pouquinho mais velhos tipo, com 15, 16, 17 anos. E na Síria, a cultura da tatuagem é bem diferente do que a cultura no Brasil. É uma coisa mais voltada mesmo pra uma questão de ritual, é meio religioso, sabe? Aí, eu tinha já desde muito pequena, eu via assim, minhas tias, avós, minhas avós com tatuagens, né? Minha tia avó, que passou muito tempo morando lá em casa, ela tinha tatuagem nos pulsos, nos dedos, e eram, assim, tatuagens que evocavam mesmo essa coisa da cura, da tradição, né? E aí, já era muito interessante, já achava muito interessante. Eu sempre, desde que eu descobri o que era tatuagem, que eu sabia o que eu queria ter sabe? Eu queria ser uma pessoa tatuada. Aí, minha mãe tinha tatuagem também. E à medida também, que sei lá, você vai conhecendo mais pessoas, hoje né, já não é mais uma coisa tão estigmatizada como já foi, assim, aí acaba que eu me encontrei mesmo. Difícil hoje é a pessoa não ter tatuagem (T15).

Outra característica do modelo idealizado da profissão de tatuadora apontada por algumas entrevistadas foi a da *glamourização*.

Eu achava que era muito mais glamoroso. Achava que ia ganhar muito dinheiro, ia ser rica, ter meu próprio estúdio. Aquelas coisas que a gente almeja, bem utópica. [...] eu não seguia muitas tatuadoras mulheres, e aí acaba imaginando algo mais glamoroso, num estilo meio underground (T5).

A tatuadora 11 disse que já conhecia como funcionava o mercado tradicional de tatuagem e que idealizava liberdade de tatuar seus desenhos autorais e não qualquer desenho que lhe fosse solicitado:

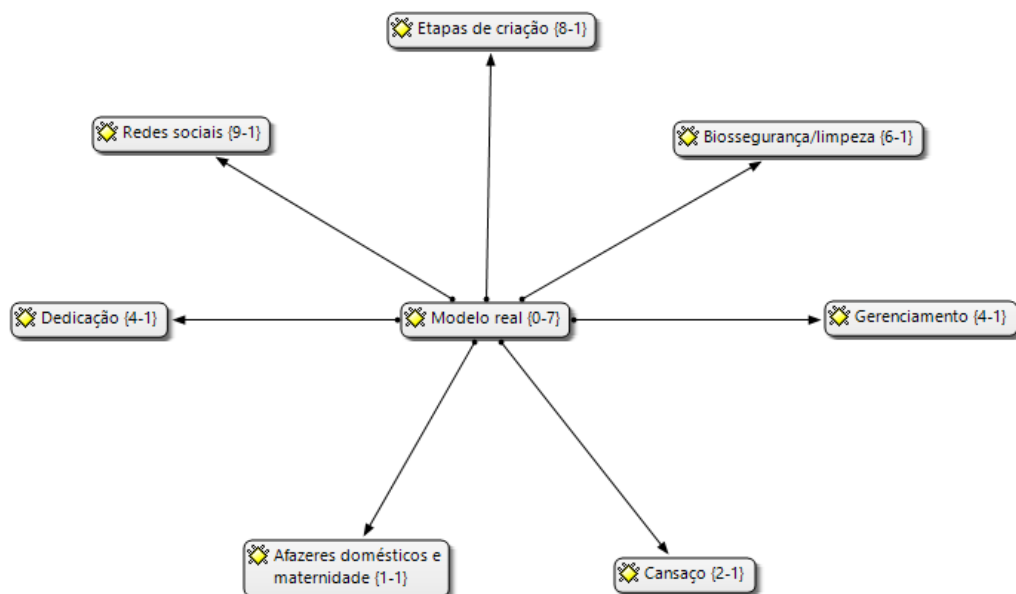
Eu, quando eu comecei a tatuar, eu conhecia pouco o mercado de tatuagem em Fortaleza, por exemplo. Mas, eu já achava que ia ser muito difícil entrar no mercado tradicional de tatuagem ou ir pra um estúdio grande tatuar. Porque? Porque eu sempre quis tatuar os meus desenhos, meu estilo, eu nunca quis trabalhar num estúdio de porta para rua, né, aonde eu tenho que tatuar qualquer coisa e não por arrogância nem nada, mas é porque eu realmente não queria. Aliás, eu não me vejo desenhando outra coisa, eu acho que eu nem consigo, na real (T11).

Para a tatuadora 13, existia um modelo *masculinizado* que ela projetava da profissão e que muitas pessoas ainda possuem esse estigma: “Eu sempre achei, assim, que era um mundo bem masculino, né? [...] Ainda, algumas pessoas ainda acham que, acha que é, né? E era um mundo bem mais agressivo” (T13). Essa visão representa um reflexo do contexto histórico de inserção da mulher no mercado de trabalho abordado anteriormente nesse estudo. Como as mulheres tinham pouca participação no ambiente laboral, alguns mercados, como o de tatuagem, foram dominados por referências masculinas.

As tatuadoras 10 e 12 disseram, no entanto, que não tinham ideia de como funcionava o mercado ou a profissão que estavam se inserindo e por isso não criaram um modelo idealizado de como seria atuar nesse meio: “Assim que eu saí da moda, não decidi vir logo para o mundo da tatuagem, eu comecei fazendo outras coisas, e as pessoas ficavam sempre dizendo que eu devia tatuar, e aí eu resolvi aprender. Mas eu não imaginava nada como seria a profissão. Joguei no escuro e fui (T10). “Eu não imaginava, eu tinha zero noção, [...] não tinha noção de arte como, como é, nem ornamento, nem pele, nem nada, sabia de nada, fui assim, achei que poderia ser o caminho e fui e deu certo (T12).

Já para entender a percepção das entrevistadas sobre a realidade encontrada na vida profissional de uma tatuadora, solicitou-se que elas descrevessem suas atividades de trabalho. Como resultados, foram encontradas as seguintes unidades de registro da unidade de contexto Modelo real:

Figura 6 – Modelo real



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

As atividades mais mencionadas estavam atreladas ao gerenciamento das *redes sociais*. Todas as tatuadoras entrevistadas utilizam essas mídias para divulgar seus trabalhos. Uma das tatuadoras reforçou que sente a necessidade de estar frequentemente publicando conteúdo na rede *Instagram* para poder ser reconhecida: “eu tenho que estar sempre postando. Quem não é visto, não é lembrado. Então assim, eu tô o todo tempo desenhando, o tempo todo pintando alguma coisa, postando *stories* disso, que todo mundo gosta disso” (T7); Algumas tatuadoras disseram, ainda, que é através desses meios de comunicação que elas prospectam clientes e realizam agendamentos: “Tem a coisa da comunicação com cliente, um pedaço disso é tirar dúvidas, estar em contato, é, receber esses clientes em potencial, estabelecer essa relação, isso leva tempo também, de comunicação, de divulgação” (T16).

Outra unidade de registro definida foi a de *etapas de criação*. As tatuadoras mencionaram que o processo criativo, que ocorre antes de tatuar de fato na pele e envolve a discussão e desenvolvimento da ideia e a decisão dos tamanhos, demanda boa parte do tempo. “No trabalho em si, você sempre tem o contato prévio com o cliente, pra pegar a ideia dele. Você vai tentar entender qual o estilo de tatuagem que o cliente mais gosta, pra você adequar ao que vai você fazer” (T10);

E o processo, assim, de desenvolver o desenho em si, pra além de *flashes* que são desenhos já prontos, isso requer um tempo e um monte de refazer, repensar e mandar e voltar que é, eu acho que, ao mesmo tempo, o mais complicado e também é o barato da coisa, que é você criar junto, sabe? (T16);

[...] tem muita gente que pergunta isso, tipo “ah, vai ser quanto tempo?” Tipo, acha que é chegar... Não, você chega, a gente vai conversar, vai ver o que precisa alterar [...] no desenho, vai ver os tamanhos, vai olhar na sua pele, vai desenhar aquilo ali, aí depois realmente colocar o decalque na pele pra ver se é aquilo mesmo, olhar no espelho, tirar foto, ver se é isso, ver em todas as poses pra depois começar a tatuar. O processo, então... Às vezes, a tatuagem é muito mais rápido do que todo esse processo de conversa, de entender que é aquilo mesmo, que vai ser ali e tal. [...] aí depois da tatuagem em si, toda aquela conversa de cuidado, [...] tanto que, às vezes, eu fico ansiosa pra terminar logo esse processo [...] pra então relaxar, que é quando [...] eu começo a tatuar (T6).

Algumas pontuaram, ainda, que é uma profissão bastante cansativa. Que existe não só o *cansaço* mental atrelado às etapas de criação, como já mencionado, mas também um cansaço físico, conforme relatos: “você começa a trabalhar na profissão, você vê que é muito estresse, muita dor de cabeça, quebrar muito de cabeça, de fazer às vezes 10 desenhos para o cliente não gostar de nenhum” (T5); “quando termina a tatuagem, você fica acabada, dor de cabeça, cansaço mental, físico de todas as formas, o braço, os dedos dói também, você tem que tá muito concentrada, muito focada” (T1).

Uma das tatuadoras, que possui três filhos, relatou sobre a realidade de ter que

conciliar a vida profissional com os afazeres domésticos e a maternidade, o que corrobora com o que foi mencionado por Medeiros (2015) em seus estudos. Segundo o autor, muitas mulheres deixaram de se dedicar exclusivamente à vida doméstica, mas continuaram lidando com atividades referentes ao lar e passaram a ter uma dupla jornada de trabalho. Segue relato da tatuadora sobre tal assunto:

[...] é por agendamento, aí eu marcava pela manhã. Aí nunca dava certo porque eu ficava nervosa porque chegava a hora de buscar as crianças na escola e a tatuagem não tinha terminado ainda. Aí eu tinha que estar pedindo favor: “ei, [...] vai lá no colégio do meu filho pegar meu filho”. Agora não, na parte da manhã, ou eu faço curso, faço só as coisas de casa e organizo todo o estúdio, né? (T9).

Algumas tatuadoras alegaram que o cotidiano de uma tatuadora exige muita dedicação, tanto em relação a treinamento, como a estudo: “A gente desenha sempre, pra treinar e desenvolver técnicas e tal. Tem que estudar muito.” (T10). É preciso estar constantemente se aperfeiçoando.

Identificou-se também a unidade de registro *gerenciamento*, pois para algumas tatuadoras, principalmente aquelas que possuem seu próprio estúdio, é preciso lidar com atividades de manutenção do espaço e estoque de materiais, por exemplo.

[...] eu reparo uma coisa muito parecida com o que eu descobri com a tatuagem que é o fazer em si da tatuagem como, sei lá, fazer comida pra uma empresa que faz, sei lá, massa ou fazer bordado pra uma pessoa que é bordadeira, é só um pedaço, uma fatia de operar mesmo uma coisa que é um trabalho. Você tem a manutenção do lugar, manter ele limpo e conseguir e comprar e manter um estoque de material em dia, entendeu?” (T16).

Foram citadas, ainda, atividades relacionadas à biossegurança e limpeza. Segundo as tatuadoras, são atividades essenciais e muito ocorrentes no cotidiano delas: “Essa questão de biossegurança, a gente faxina aqui e limpa tudo, mantém tudo direitinho” (T16); “[...] ter uma biossegurança básica pra você e pro seu cliente” (T5).

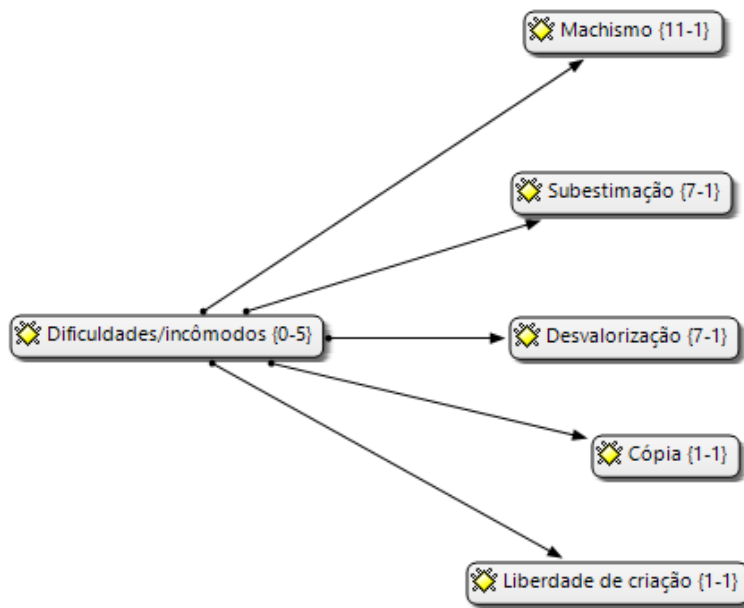
Por fim, ainda com o objetivo de entender a percepção das tatuadoras sobre essa profissão, elas foram questionadas quanto às dificuldades e incômodos que encontraram ou ainda encontram no exercício dessa atividade. Foram feitas, então, as seguintes perguntas:

1. Você enfrentou ou enfrenta alguma dificuldade no exercício de sua profissão? Se sim, quais?
2. Como foi e como é a sua relação com os colegas tatuadores homens? Como você foi e como é vista e tratada por eles?
3. Percebe alguma diferença na forma como é vista pelos clientes, comparado a tatuadores homens?

4. Você pensou em desistir da profissão? Se sim, por quê?
5. O que mais lhe incomodava ou incomoda na sua rotina como tatuadora?
6. Você sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito dentro da profissão por ser mulher?

As respostas para tais perguntas apresentaram cinco unidades de registro, conforme figura a seguir.

Figura 7 – Dificuldades/incômodos



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A unidade de registro predominante foi a do *machismo*. Conforme Araújo (2019), os longos anos de submissão e inibição das mulheres ocasionaram a falta de credibilidade e o desrespeito perante o trabalho feminino. As tatuadoras entrevistadas relataram algumas experiências desagradáveis tanto com colegas da profissão, como com clientes pelo simples fato de serem mulheres: “eu já tive algumas experiências de tipo, [...] ver que eu tava evoluindo e não querer mais ajudar, sabe?” (T4); “achar que a gente tá chegando e tá tomando espaço e eu acho que não é isso, né? Todo mundo tem seu espaço, todo mundo tem seu estilo e seus clientes, o mundo tá pra todos, né?” (T3);

Tipo, vê que é só porque a gente é mulher, a gente não vai fazer aquela tatuagem perfeita, entendeu? [...] Teve uma vez que eu fiz o atendimento inteiro com cliente, dei meu cartão, tudo, quando foi no final, ele olhou para mim, falou assim: “E o tatuador, é bom?” Aí eu fiquei: “Eu sou a tatuadora!” (T1);

A maioria das tatuadoras que eu conheço ou tem um estúdio em casa, ou divide com outras mulheres, porque não conseguimos lidar com outros homens nos estúdios.

Existe um menosprezo, [...] ainda mais se forem mais velhos. [...] A questão dos espaços também. Eu vejo muitos estúdios grandes, os maiores de Fortaleza têm poucas meninas tatuando. [...] as meninas que estão começando agora e indo para estúdios com homens reclamam disso, que é muito difícil lidar com o machismo diário dentro da profissão. Pessoas desacreditando, menosprezando. [...] tem muito cara massa. Eu recebi apoio e incentivo de muita gente, mas trabalhar diariamente é diferente e complicado. Por toda a questão social, mesmo [...] já teve um cara que chegou pra mim e perguntou: “Eu quero ver se você é capaz de fazer minha tatuagem, você desenha aqui na minha frente, eu quero ver se você é capaz”. Eu respondi que não trabalho assim [...] Se você vem atrás do meu trabalho, tem que confiar” (T5);

[...] quando o cliente tava lá na porta do estúdio, que eu abria a porta, o cliente passava direto para dentro para falar com os meninos, entendeu? Ele não falava comigo. Já teve, teve vezes de eu tá tatuando a pessoa e a pessoa está tirando dúvida com o outro tatuador, entendeu? Aí o cara falava assim “não, mas ela que tá te tatuando, pergunta para ela”, e a pessoa [...] nem olhava para mim, sabe? E os meninos também tiravam muita onda, assim, de chegar um trabalho um pouco mais complexo, e aí eles diziam “vixe, tu tem certeza que tu vai conseguir fazer esse trabalho? Tu não quer passar para mim e tal?”, e às vezes eu me sentia muito insegura por conta disso” (T8);

[...] a gente, normalmente, tatua mais mulher. Não é porque “ah, o nosso desenho ele é mais para mulher”, mas homem hétero só vai tatuar com homem hétero, entendeu? Ele não bota fé que você vai fazer o serviço que preste. A gente tatua muito o público LGBT até porque justamente num estúdio de homem hétero, ele não é acolhedor para certos públicos, né? É por isso que a gente é muito procurado também” (T12)

[...] agora eu não tenho mais marido, mas quando eu tinha, sempre achavam que ele que era o tatuador. Até hoje ainda perguntam “ah, e agora que vocês se separaram com quem ficou o estúdio?” [...] ele nunca nem veio aqui [...]. É uma coisa assim tão fechada na cabeça das pessoas que o homem que é o tatuador, que eu posso até ser, mas ele também tem que ser, entendeu?” (T13);

Outros incômodos relatados pelas tatuadoras se referiam à *desvalorização*. Algumas tatuadoras disseram que é muito comum os clientes tentarem negociar o preço das tatuagens e que essa prática muitas vezes está atrelada ao machismo, pois muitas pessoas inferiorizam a qualidade do trabalho de uma mulher.

“Ficam tentando barganhar o valor do seu trabalho, a pessoa quer que você faça pela metade do preço em metade do tempo. Só que isso não é uma impressora, é um trabalho manual. Então é desgastante, principalmente no começo. Porque você ainda está na empolgação do início, e aparecem tantas dificuldades, como o material muito caro que você não consegue comprar todo” (T5).

Há ainda a questão da *subestimação* do trabalho “não me achava boa o suficiente, sempre ficava... E escutava muito essas críticas de outros tatuadores, tipo os ‘artistasão’ e tal, e eu ficava tipo me sentindo [...] um lixo, ‘não, não é pra mim, vou parar’” (T6);

A questão de arte, quando envolve isso, sempre você acha que está incompleto. Dificilmente você vai ver um artista que olhe pro seu trabalho e ache que está completo. Sempre tenho coisas pra aprender, sempre estou observando outros trabalhos, outras pessoas que você acompanha. A dificuldade pra mim está aí. Sempre vai ter uma frustração de querer fazer um trabalho perfeito (T14).

Esses pontos da desvalorização e subestimação corroboram com os estudos que apontam a diferença de remuneração entre gêneros como um dos desafios enfrentado pelas mulheres no mercado de trabalho. Gimenez (2018), realizou uma pesquisa com sete mulheres entre 28 e 40 anos que ocupavam cargos de gerência, chefia, coordenação, liderança ou administração, e elas também se queixaram desses pontos. Observou-se que a diferença de remuneração ocorre tanto pela ideia da sociedade de que o homem tem o papel de provedor, como pelo entendimento de que eles desempenham determinadas funções de maneira mais satisfatória (GIMENEZ, 2018).

Uma tatuadora disse se incomodar, também, com a prática de alguns tatuadores de copiar trabalhos de outros. Segundo ela, não chega a ser questão de ética, pois ela acredita que tais pessoas nem se quer chegam a refletir que tal conduta desrespeita princípios morais.

[...] é entendido como o jeito de funcionar da tatuagem tradicional que é a cópia, sabe? Que é a cópia, a reprodução irrefletida, sabe? Eu acho que não é nem ética porque nem chega a passar por entender que isso é ético ou não, sabe? Que existe essa ideia de que “ah, você viu na internet, então tudo bem, isso é um desenho que tá disponível” (T16).

A tatuadora 14 disse existir, ainda, uma dificuldade quanto à liberdade de criação e que isso incomoda especialmente aos tatuadores que buscam tatuar apenas trabalhos autorais:

É uma profissão puxada, principalmente pra quem quer trabalhar com seu próprio desenho, sua própria criação. Porque tem muito tatuador que pega o desenho da internet e copia. Mas quando você quer desenvolver algo autoral, se torna mais puxado. Leva horas pra você concluir aquele desenho e depois tatuar. O dia é puxado, são muitas horas numa sessão. Então não é algo tão livre quanto as pessoas possam achar. Tem muito trabalho (T14).

Spudeit e Cunha (2016) observam que o ingresso em uma determinada carreira é marcado por depoimentos contraditórios, alguns de medo e insegurança do indivíduo por estar iniciando algo novo, e outros de confiança e empolgação para execução dos conhecimentos obtidos. Os autores afirmam que essa contradição é resultado do conflito entre o modelo real e idealizado que se tem da carreira e que o exercício da profissão é marcado por crises e tensões, desencantamentos e encantamentos constantes, o que evidencia a ideia de Dubar (2005) de que a construção da identidade profissional não apresenta uma linearidade e que essa identidade está sendo sempre reconstruída.

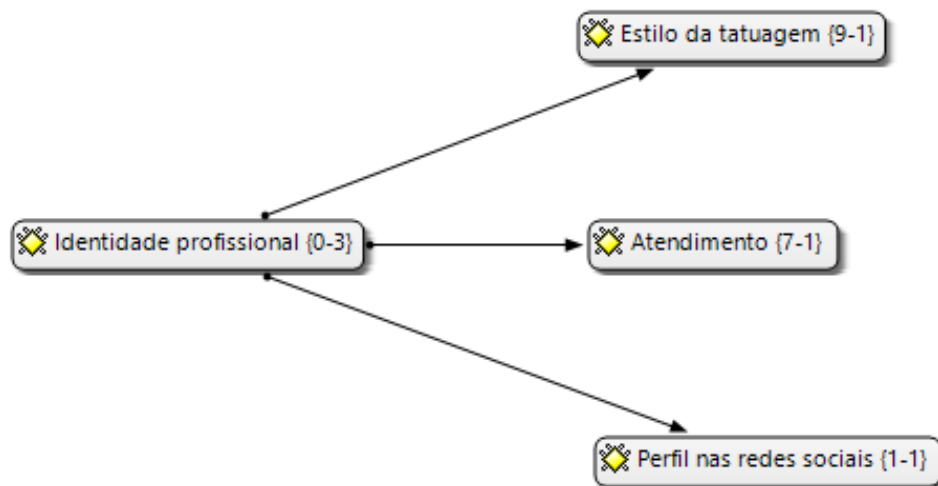
5.2.3 Ajuste da concepção em si: identidade profissional e carreira

Buscando entender qual a percepção da tatuadora sobre sua carreira e sobre sua

identidade profissional após o abandono de estereótipos, que consiste o terceiro objetivo específico desse trabalho, questionou-se: “Ao iniciar na profissão, quais eram suas expectativas? O que mudou em relação às primeiras expectativas?”, “Você considera que incorporou um modelo profissional? Se sim, como seria?”, “Qual a sua percepção sobre representatividade feminina no mercado de tatuagem?” e “Como você vê sua carreira e as possibilidades de crescimento?”. Com base nesses questionamentos, foram identificadas três unidades de contexto: a identidade profissional, o abandono de estereótipos e a carreira.

Na identidade profissional, foram observadas três unidades de contexto, conforme exposto na figura a seguir:

Figura 8 – Identidade profissional



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O *estilo de tatuagem* foi apontado como uma característica que muitas tatuadoras buscam definir para a construção de uma identidade profissional. Saber que certa tatuagem foi executada por um determinado tatuador é o que muitas disseram almejar para suas carreiras. Algumas delas afirmam já terem estabelecido essa característica, outras disseram que ainda estão delineando: “Tipo, os meus desenhos já parecem muito comigo. [...] acho que já consigo passar uma identidade” (T1); “Estou construindo ainda. Existem muitas mulheres que eu me referencio no trabalho, mas não de querer ser igual. Mas eu gosto de pegar várias coisinhas de cada uma” (T5);

Eu acho que cada tatuador tem seu traço, a sua forma de desenhar, não tem nenhum que seja igual, tá entendendo? Então, não, não cheguei ainda a nenhum dos meus admiradores. Eu creio que nem vou chegar porque é uma das coisas que a gente,

tatuador, tem que se acostumar, não adianta você ficar se comparando com os outros porque o seu trabalho é diferente. Alguém vai chegar e não vai gostar dessa menina, por exemplo, essa Joice Fava, que eu gosto muito dela, mas vai gostar do meu, tá entendendo? (T7);

[...] eu fui me identificando com outras pessoas que fazem o trabalho autoral, né, tatuagem autoral, que tem seu estilo e que não é tradicional, eu fui me identificando com outras pessoas assim. [...] Então, você olha o desenho dele você vê que é dele, sabe? Eu acho que isso é um dos maiores prazeres, assim, que eu tenho, é tipo a pessoa olhar pra um desenho meu e dizer “poxa, é da Susanna” (T11).

Outra característica que algumas tatuadoras disseram fazer parte da identificação dos seus trabalhos se refere ao *atendimento*. Algumas oferecem ou almejam proporcionar aos seus clientes uma experiência diferenciada, seja pelo modo de recepcionar, pela conversa durante o atendimento ou pelo conforto do espaço, conforme os seguintes relatos:

O modelo de profissional que eu imagino ser, eu ainda não sou pelo fato de não poder no momento porque, tipo, eu quero que os meus atendimentos seja uma coisa voltada mais para o atendimento personalizado, para, tipo assim, de cura, espiritualidade, saber da história da pessoa, fazer uma limpeza espiritual com cristais, com plantas, entendeu? Dar banhos de ervas, pedras, conhecer a história, saber o signo, saber tudo daquela tatuagem que eu vou poder fazer e ter um momento eu e a pessoa, entendeu? (T1);

Acaba que como eu gosto muito dessa criação em conjunto, então, eu prefiro deixar mais tempo de atendimento para criar junto com a pessoa do que eu fazer aqui um orçamento rápido e desenhar e tal, tipo, separar as duas coisas. No caso, eu gosto de fazer tudo junto (T15);

[...] na hora que a gente tava construindo o estúdio foi muito uma coisa que a gente pensou assim “eu não sei exatamente o que eu quero com esse espaço, mas eu sei o que eu não quero, né, eu não quero um espaço que intimide, eu quero um espaço que convide”. Acho que eu, por ta acostumada a tatuar em casa, receber as pessoas na minha casa, e gostar muito dessa dinâmica, né, acabou que a gente construiu um estúdio... Eu, eu tentei reproduzir um pouco esse, essa sensação, assim, de aconchego, conforto, tranquilidade até porque se tatuar não é uma coisa simples, não é uma decisão fácil. Tipo, é uma coisa muito séria. Eu acho muito sério e se você vem e faz tenso e nervoso de, se pressiona de tomar uma decisão com pressa, acaba que o resultado não é um dos melhores, né? (T15);

Foi mencionado, ainda, o *perfil nas redes sociais* como uma característica da identidade profissional de uma tatuadora. A segunda entrevistada diz que conta com a ajuda de terceiros para lidar com o marketing pessoal no seu perfil do Instagram e, através disso, busca ser reconhecida por outros tatuadores.

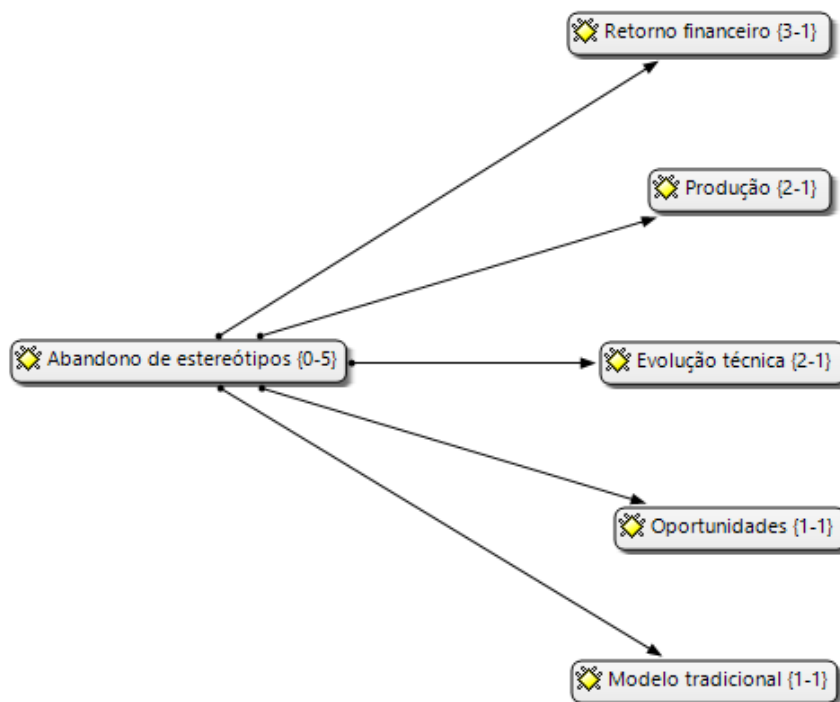
[...] eu faço muito teste no *Instagram*, tem tatuadores que eu gosto, então eu vou lá, isso muito influenciada pela Letícia e pela Rebeca, que são as que cuidam do meu marketing, Instagram, né? Que é o quê: eu olho o que é que os Instagrams tem que eu gosto e tento aplicar no meu. E fora do estilo também, eu já sigo vários tatuadores que, tipo, tanto pra ser reconhecida, né, eles verem assim quem é essa doida e pra pegar referência, né? (T2)

Para Spudeit e Cunha (2016), a identidade profissional progride gradativamente, mas

isso não implica de que alguns aspectos não sejam rejeitados ao longo do tempo. Conforme os indivíduos passam pelas experiências na profissão, as concepções sobre sua identidade vão se confirmando ou sendo alteradas (SPUDEIT; CUNHA, 2016).

Para a unidade de contexto Abandono de estereótipos, foram encontradas cinco unidades de registro: retorno financeiro, produção, evolução técnica, oportunidades e modelo tradicional, conforme mostra a seguinte figura:

Figura 9 – Abandono de estereótipos



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Inicialmente, as expectativas criadas por algumas tatuadoras estavam atreladas a duas unidades de registro que estão relacionadas: a do *retorno financeiro* e da *produção*. Acreditava-se que existiria um trabalho bem mecânico e comercial, em que muitas tatuagens seriam produzidas em um dia, que haveria um bom retorno financeiro e este aconteceria de forma rápida.

[...] no início, eu só pensei em ganhar muito dinheiro. Porque assim, todos os meus amigos que começaram a tatuar, eles já tavam tatuando há uns dois ou três anos, né. Então, eles montaram o estúdio, compraram carro, celular bom e num sei o quê e montaram a casa e eu “nossa, eu quero ganhar muito dinheiro, né? Que nem eles, comprar meu carro e tudo mais”. Então, eu só tinha essa expectativa de conseguir o que eles conseguiram, né? Posso chamar isso até de inveja, sabe? Mas, depois que eu comecei, eu vi que era mais, assim, gratificante, entendeu? (T7);

[...] no começo, eu achava que queria só ganhar dinheiro, aquele comercial. Não, vou ficar trabalhando só nos mais simples, eu vou querer só coroa, aquelas coisas de nomes, infinito... E hoje em dia, eu já to com outro pensamento, eu não quero mais isso, eu quero tatuagem grande, com realismo, com sombra, com jogo de luz, um monte de coisa que eu quero agora, não quero mais nada que eu pensei no começo, quero nem saber de infinito (T9);

[...] eu achava que ia ser, que eu ia fazer 50 tatuagens por dia, que eu ia ficar milionária. Não é assim, não é mesmo, principalmente, agora que a gente tem a responsabilidade de cuidar do estúdio, né? [...] você tem que lidar com muito mais coisas do que quando você tá só trabalha, [...] quando eu só trabalhava, eu simplesmente chegava e ia embora, prestava contas e tava tudo ótimo. Mas você trabalhar mesmo é completamente diferente (T13).

Outro estereótipo que se tinha da profissão é de que existiria uma *evolução técnica* imediata. Algumas tatuadoras perceberam ao longo do exercício da profissão que existem desafios constantes e que, com bastante treinamento e estudo, a técnica vai se aperfeiçoando, mas, em geral, trata-se de um processo lento.

[...] a expectativa de melhorar muito rápido, de desenvolver a minha técnica mais rápido. É uma expectativa muito pessoal, e que no fim acaba demorando mais. Ainda hoje eu pego tatuagens e pensava que achava que sabia e na verdade não sei. Cada pele é uma pele, é um trabalho muito desafiante e às vezes a mesma pessoa tem tipos de pele diferentes, e acaba que a tatuagem não vai ficar igual. Fora o glamour, as minhas expectativas com a minha profissão foram quebradas quando eu entrei de recepcionista no estúdio. Ali eu tive contato direto com a rotina de tatuagem e aí você percebe que tem muito trabalho duro e ralação do que as pessoas acham. “Ah, por que apareceu na internet, pra fazer tatuagem com gente famosa” e na verdade não é bem assim. É um trabalho que se desenvolve por anos. Não é como se em 2 anos você fosse virar um expert. Existe uma galera que já começa arrebitando, mas a maioria de nós, reles mortais, temos que batalhar muito. Quem já chega arrebitando assim, é por que já desenha a muito tempo, tem uma história muito longa com a ilustração e que só mudou de suporte” (T5)

É devagar porque, assim, porque você tem que ter muito estudo, tem que treinar bastante, hoje, por exemplo, hoje em dia eu já ganho um dinheiro bom, tá entendendo? Mas eu tinha essa ideia que ia ganhar muito dinheiro de uma vez. Depois que eu aceitei que não é assim, que eu tinha que me capacitar e me especializar, aí a coisa foi fluindo, né? E aí, hoje em dia, eu sei que eu posso crescer mais e quanto mais eu me capacito, mais eu cresço e assim vai, a gente tem que continuar, né? (T7)

Uma das tatuadoras disse que ao iniciar, tinha uma visão pessimista quanto às *oportunidades* que receberia. Para a sua felicidade, relatou que conquistou dois sonhos em um curto período de tempo:

A primeira expectativa era entrar num estúdio de tatuagem porque eu tatuava em casa, né? [...] porque eu sabia que se eu entrasse no estúdio, eu ia evoluir muito, eu ia aprender mais, eu ia viver a tatuagem. E aí, quando eu realmente consegui sair da Farm, eu fui chamada para trabalhar no Bourbon [...] Eu chorei muito. [...] Tava nem acreditando que com pouco tempo, eu tinha, sei lá, 9 meses de tatuagem, eu já tava tipo num estúdio que para mim era um sonho. [...] outro sonho foi entrar aqui no Santa porque tipo, o Santa para mim era referência. Eu já vinha aqui fazer tatuagem quando eu era piveta com as minhas amigas (T1).

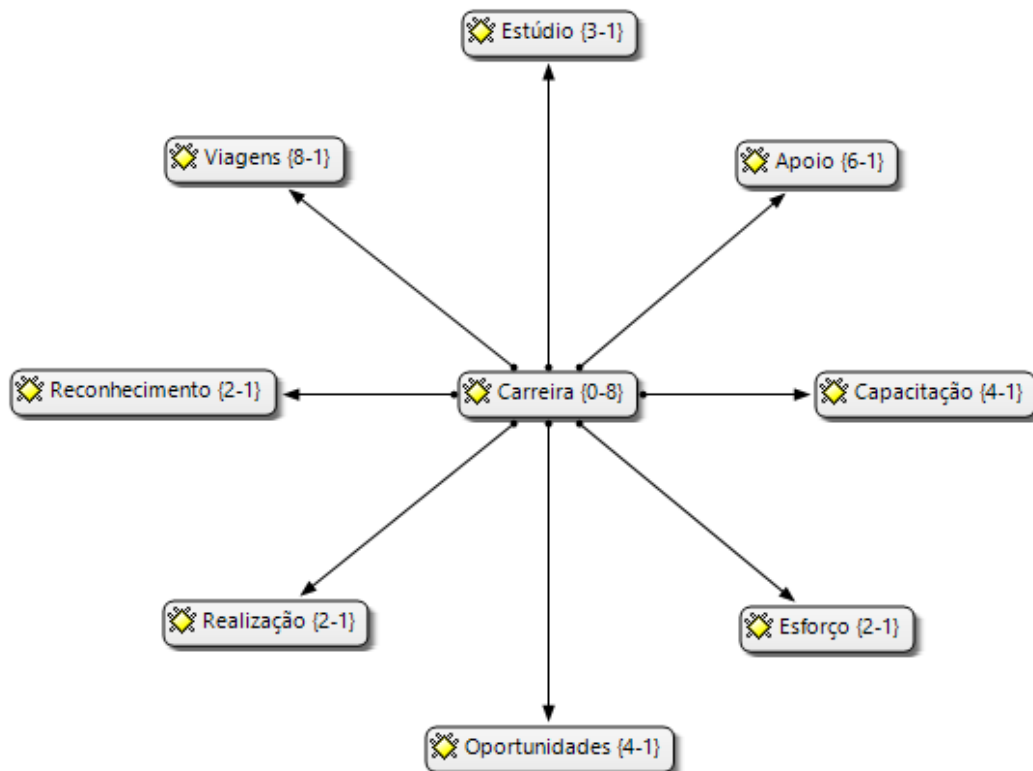
Outro estereótipo abandonado foi quanto ao modelo tradicional que se prosperou durante muitos anos no mercado de tatuagens. A tatuadora 15 diz que a princípio, antes de ingressar na profissão, já havia tido contato com esse modelo, mas posteriormente conheceu pessoas que estavam fora desse padrão:

[...] as minhas primeiras experiências com tatuagem, antes de eu começar a tatuar, quando eu fui ser tatuada, é, eu desde os 15 anos que já... Fiz minha primeira tatuagem com 15 anos, louca, escondida dos meus pais, bem rebelde... Já foi assim nessa dinâmica de estúdio já, bem realmente, bem nesse, na coisa mesmo bem padrão, né, bem comercial e tudo mais. Aí, eu fui começando a conhecer o trabalho de um pessoal que já fugia um pouco dessa dinâmica, né? E aí, com isso, foi dando, enfim... Eu comecei a entender que não existe só uma forma de se trabalhar com tatuagem (T15).

Spudeit e Cunha (2016) afirmam que muitas vezes a manifestação da realidade no meio profissional chega a ser traumatizante, mas que novas ideias e competências são adquiridas ao decorrer do desempenho da carreira.

Na unidade de contexto Carreira foram encontradas oito unidades de registro que indicam as perspectivas futuras das entrevistadas quanto à profissão de tatuadora. A seguir, têm-se as unidades de registro identificadas:

Figura 10 – Carreira



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A unidade de registro mais mencionada foi a de *viagens*, com oito citações. Alguns intuitos dessas tatuadoras consistem em viajar para participar de eventos ou para construir suas carreiras em lugares onde consideram o mercado mais facilitador. Outro objetivo é, conforme cita a tatuadora 1: “viajar para outros lugares, tipo São Paulo, fazer *guest* nos estúdios”. Segundo a tatuadora, *guest* é algo muito comum no meio da tatuagem que consiste em ser convidado para passar uma temporada trabalhando em estúdios de outras cidades. Seguem algumas outras citações quanto às perspectivas de viajar: “Eu nunca me vi aqui, em Fortaleza. Então, porque eu acho o mercado da tatuagem muito fechado também, não só pra mulher, mas também pra homem. Então, é, eu tenho muita vontade de sair daqui, ou ir pro Canadá ou ir pra Dublin” (T2); Eu quero viajar pra fora, participar de altas convenções, ser internacional, é a minha meta. Poder fazer meu trabalho, viajar fazendo esse trabalho, contanto e escutando histórias, trazendo essas ilustrações pra cá (T5).

[...] a tatuagem, ela dá esse, essa abertura para você não se fixar no canto e sempre o meu propósito de vida foi nunca ficar no mesmo canto porque eu gosto muito de viajar, gosto muito de conhecer o mundo... E a probabilidade que a tatuagem me deu de viajar pelo mundo, eu vejo que é um mundo de opções e, pra mim, isso é muito bom porque eu não nasci para ficar num canto só, essa é minha opinião, né? Eu não nasci pra me fixar e como trabalho ela me dá uma abertura gigante de ser, conhecer vários cantos, você ter passagem por vários cantos e trabalhar do que você gosta, onde você quer, sem se prender a ninguém (T3).

Outro ponto bastante mencionado quando se questionou sobre a representatividade feminina foi o do *apoio*. As tatuadoras relataram que existe uma forte rede de apoio entre as mulheres, que sempre que possível elas tentam ajudar umas as outras e se unir para enfrentarem juntas as dificuldades do ofício. “Eu tenho sempre incentivar quem está começando, e chegar junto, dizer ‘olha, não desiste, vai ser frustrante, mas vai com calma’” (T5);

[...] algumas meninas já vieram falar assim e contando que já tinham ido atrás de outros *boys*, tipo pra pedir ajuda e não tinha sido recebida de uma forma adequada, e aí tava me procurando por conta disso, e tipo por eu ser mulher e tal, de se sentir mais a vontade e eu “gente, eu to aqui a sua disposição, você quer o mundo? eu te dou” Tipo, eu sempre disponibilizei ajuda, meu tempo às vezes é bem corrido, tipo, há semanas e semana, né, essa semana tá bem tranquila, né, mas tem semanas que é uma loucura. Mas eu sempre me disponibilizo em ajudar. Então, ao ver que as pessoas vêm atrás e que as mulheres vêm atrás se sentem confortável, tem toda essa abertura, eu acho muito massa, fico muito feliz e é isso (T4).

[...] toda vida que alguém, alguma amiga minha chega para mim, fala “queria aprender a tatuar”, eu digo “vai, vai porque a gente tá precisando de mulheres tatuadoras”, sabe? E eu incentivo muito, muito, muito minhas amigas que gostam do meu trabalho e fica naquela de “ah, eu queria aprender”, eu digo “pois vem aqui no meu estúdio que eu te ensino, você não, eu não vou cobrar nada para você, entendeu? Você só precisa comprar o material que você vai usar aqui, vem que eu te ensino”, porque tá precisando. E assim, eu vejo que as mulheres elas não têm muito

foco com essas coisas, elas fazem, aprendem, mas elas não levam a sério justamente por causa do preconceito, então, você tem que ignorar esses preconceitos, essas piadinhas que fazem, [...] e continuar fazendo seu trabalho (T7);

[...] antigamente, eu comecei em 2012, [...] num tinha quase nenhuma tatuadora, [...] E hoje você tem que nem consegue contar todas, tem muitas, [...] se você tem uma menina que tá agora com seus 19, 20 anos que [...] sabe desenhar, ela não sabe o que fazer, não quer fazer design de moda, não quer fazer arquitetura, [...] é uma profissão que ela pode seguir e ela tem exemplos [...], pessoas que tão dando certo. Na minha época, eu não tinha nenhum exemplo pra dar pra minha mãe “mãe, essa pessoa deu certo”, só o pessoal da galeria e eu não, não é preconceito, mas [...] minha mãe tem, tá entendendo? [...] Então, hoje em dia, a gente tem várias tatuadoras de sucesso que, que são exemplos pra pessoas que querem começar [...] a profissão de um jeito [...] guiado, [...] com segurança, [...] é por isso que eu acho importante [...] as meninas, antes de começarem, principalmente as mais novas, terem esse exemplo de pessoas que tão dando certo e tão conseguindo fazer as coisas sozinhas sem ninguém (T13).

Ainda sobre representatividade feminina, identificou-se a unidade de registro *oportunidades*. Algumas tatuadoras disseram que tomar conhecimento de outras mulheres que tatuam serviu de inspiração para que elas ingressassem também na carreira: “eu vi a primeira mulher tatuadora aqui em Fortaleza e eu achei, assim, o máximo, eu fiquei, meu Deus, eu me senti assim uma primitiva, “[...] Mulher pode tatuar também, que legal”” (T6). Desse modo, aos poucos elas estão conquistando espaço nesse mercado que ainda é majoritariamente masculino e as oportunidades estão aumentando.

[...] olhar que você tá dando um espaço né? Eu cheguei aqui e era só o Thiago e tinha outro cara que tatuava também, e aí, não é que eu esteja tomando o espaço, mas é porque uma mulher no espaço da tatuagem é, como eu disse, uma coisa nova, as pessoas às vezes querem tatuar só porque você é mulher e tal, e espero que, assim como eu, tantas outras que eu sei que tem essa vontade de tatuar e acham que não vão conseguir, que tem que botar na cabeça que vai conseguir e cada um com seu espaço (T3).

Algumas das entrevistadas mencionaram, também, que almejam o *reconhecimento* para as suas carreiras. Conforme os estudos de Gimenez (2018), por muito tempo, a sociedade convencionou que as mulheres eram caracterizadas pelos aspectos intuitivos e corporais, e que esses eram inferiores aos aspectos racionais e mentais. Nisso, a autora explica a tendência de o trabalho feminino ser colocado em posição de menor prestígio e pouca confiança (GIMENEZ, 2018). Nesse contexto, duas tatuadoras relataram que sentem que seus trabalhos ainda não possuem credibilidade e que buscam ser reconhecidas no mercado:

[...] eu acho que nós mulheres precisamos nos [...] capacitar nisso e não desistir porque tem clientes que querem a gente, que confiam na gente e a gente precisa mostrar que a gente pode tatuar, que a gente é tão bom quanto os homens e que, enfim, a gente consegue, mesmo que digam “ah, vocês tatuadoras mulheres sabem tatuar não” Sabemos sim [...] (T7).

Quando a gente quer se destacar numa categoria, a gente tem que ser muito melhor do que eles, né? Porque qualquer homem assim que tá produzindo qualquer coisa é

super respeitado pelo resto dos tatuadores, mas outra mulher não. é, exatamente, por isso que eu to nessa busca de ter um traço [...]. É muito relativo isso, mas pra mim o desejo é chegar qualquer trabalho e eu conseguir executar de uma forma satisfatória. E eu acho que, é, eu acho quando eu conseguir mais ou menos isso aí, é quando eu vou me considerar uma tatuadora. Eu acho que eu também busco muito respeito das pessoas, dos outros profissionais, né? Para mim, é legal, não é tipo produzir um trabalho e que um cliente ou que outras pessoas vejam e ache legal. Eu quero que um tatuador veja meu trabalho e ache incrível, entendeu? (T8).

Com duas citações, foi mencionada, ainda, a necessidade de *esforço* para que se atinja o crescimento almejado em suas carreiras.

Não é que nem um emprego de carteira assinada que você tem que trabalhar mais e mais porque se não você vai perder o seu emprego porque vai ter outra pessoa pra poder ocupar o seu lugar, entendeu? Não, tatuador não. [...] todo mundo que chega para mim que quer iniciar essa profissão, eu digo “cara, trabalha, estude e faça tudo porque quanto mais você aprende, mais você faz, mais você ganha financeiramente, mais você cresce” Porque aqui é isso, tipo, eu posso passar o dia inteiro em casa dormindo, fazer uma tatuagem e ganhar um dinheirinho aqui para sair no final de semana ou eu posso passar o dia inteiro lutando, marcar um monte de gente por dia e conseguir coisas maiores, tá entendendo? É de mim, é o que eu quiser fazer, eu faço” (T7);

[...] quando eu olho pra dificuldade que é, isso também me cansa, sabe? E aí, eu acho que ser uma mulher já é muito difícil, ser uma mulher negra é muito mais, sabe? Eu acho que o público que você atinge é completamente diferente de uma menina branca que tatua na Aldeota, entendeu? É muito diferente, é evidente esse recorte de público e tudo mais. Então, acho que me cansa, isso me cansa, sabe? Mas eu acho que eu tenho uma possibilidade grande, assim, de crescimento, se eu me dedicar somente a isso, sabe? Porque às vezes eu também me sinto, assim, muito dividida, tipo, eu sinto que, por exemplo, quando eu me dedico só ao estúdio, dá muito certo, sabe? Mas eu sinto que as outras áreas da minha vida ficam de pernas pro ar, assim, essa outra graduação, os meus estudos paralelos... E quando eu me dedico um pouco mais a essas outras áreas também, tipo, eu atraso entrega de desenho, atraso atendimento, aí eu fico sempre muito dividida assim (T8).

Algumas tatuadoras atrelaram suas perspectivas de crescimento na carreira à ampliação dos seus *estúdios*. Para Spudeit e Cunha (2016), muitas vezes o local de atuação e as relações nele estabelecidas se apropriam do fazer profissional e o indivíduo vincula sua formação profissional às suas necessidades estruturais, conforme relato da tatuadora 13:

[...] hoje em dia, eu penso muito mais no estúdio do que em mim. Hoje, eu não consigo mais separar as coisas. Quando eu penso na... Eu não consigo mais pensar na minha carreira, eu sempre penso no onde o estúdio vai tá. Hoje em dia, eu quero que... Tá vendo? Hoje em dia eu quero que a Porta Rosa aumente de tamanho que a gente consiga colocar mais gente, que a gente realmente aumente o tamanho físico porque aqui, daqui a pouco, não vai ter mais espaço, e que a gente fique mais conhecida na cidade e em todo lugar e que a gente traga mais gente de fora pra tatuar aqui, é isso.

Ainda sobre estúdio, segundo a tatuadora 9, seu objetivo é colocar outro serviço no espaço, que seria o de barbearia. Ao ser questionada sobre a possibilidade de ter outros tatuadores em seu estúdio, ela explica que por trabalhar em uma comunidade periférica, não

há oferta suficiente e que dificultaria para ela, como mulher, concorrer com mais homens na comunidade, segue relato:

E eu tô pensando em botar um barbeiro lá pra acrescentar porque é bem grande, [...], mas outro tatuador não dá porque é dentro da comunidade. Como a gente conversa nos grupos, aqui ao redor de Messejana tem muito tatuador ao redor, aí fica bem difícil ser uma mulher dentro da comunidade (T9).

Identificou-se, ainda, a questão da *realização* na carreira que tais mulheres optaram por seguir. A tatuadora que possui doutorado em botânica relatou que sua vida acadêmica foi marcada por insatisfação e falta de reconhecimento e que finalmente na carreira de tatuadora se sente realizada com seu trabalho:

Quanto mais eu tatio, mais você se sente criativa, se sente satisfeita e as pessoas, esse retorno “nossa, que legal seu trabalho”, que é uma coisa que nunca aconteceu na minha vida acadêmica, que meu trabalho eu sempre achava um lixo, assim, podia nem ser, mas [...] nunca existiu uma critica construtiva, era sempre a pessoa botando você pra baixo, [...], e aí, quando você muda assim de, totalmente de perspectiva e a ser reconhecida com artista, né? Como tatuador porque não é só, não existe só a parte da aplicação e tal, faz um negócio de qualidade, sabe? É muito legal e aí, tá me deixando muito satisfeita, e eu, realmente, não me vejo saindo da tatuagem pra fazer mais nada assim, sabe? Eu pretendo continuar nela até quando eu não puder mais, até enquanto eu conseguir, né, ser ativa (T12).

Identificou-se, por fim, a unidade de contexto *capacitação*. Falou-se no desejo de participar de eventos e cursos em busca do aperfeiçoamento de seus trabalhos. A Tatuadora 14, por exemplo, que não possui formação acadêmica e disse gostar de tatuagens que se baseiam em arte clássica, relatou o desejo de se graduar em Belas Artes: “Mas, pro futuro, eu espero até na questão acadêmica, aqui não tem belas artes e eu queria muito cursar belas artes [...]. O que eu vejo pro futuro é mais aprofundar isso, o desenho, a arte em si, e voltar pra tatuagem” (T14).

Verifica-se, portanto, que embora as tatuadoras recebam bastante incentivo para ingressar em tal carreira, ao longo do exercício da profissão elas precisam lidar com algumas adversidades como o machismo e a desvalorização. Além disso, alguns estereótipos relativos aos estigmas da tatuagem e a glamourização do ofício têm sido abandonados, dado que as atividades exercidas por elas envolvem desde o processo criativo à limpeza do espaço. Desse modo, as tatuadoras têm construído suas identidades profissionais e carreiras pautadas no reconhecimento dos seus estilos de tatuagens, seus atendimentos e em viagens para capacitação e aprimoramento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi explanado na fundamentação teórica, observou-se que a participação feminina no mercado de trabalho tem aumentado ao longo dos anos e algumas indústrias que antes eram dominadas pelo trabalho masculino, hoje possuem uma considerável quantidade de mulheres inseridas, como é o caso da indústria de tatuagens.

No entanto, nota-se que o discurso de apoio à introdução do trabalho feminino em alguns mercados apresenta algumas contradições, e que, em alguns casos, chega a ser uma aceitação velada. Isso porque embora estejam aumentando as oportunidades para as mulheres, muitas delas sofrem diversas dificuldades ao decorrer de suas carreiras pelo simples fato de serem mulheres.

Nesse contexto, o presente trabalho levantou tal problemática para o mercado de tatuagens e buscou investigar: como ocorre a socialização profissional de tatuadoras?

Para alcançar a resposta de tal questionamento, foram estipulados três objetivos específicos, o qual o primeiro consistiu em compreender como ocorre a inserção de mulheres no mercado de tatuagens, considerando a cultura leiga e a cultura profissional.

Como resultados, obteve-se que a maioria das tatuadoras foram motivadas pela habilidade que tinham com desenho e por gostarem de tatuagem. Algumas foram estimuladas, também, pela rentabilidade, pois no meio das artes, o mercado de tatuagem demonstrava ser o mais vantajoso e com retorno financeiro mais rápido. Algumas que, inclusive, têm formação acadêmica em áreas distintas, viram a profissão de tatuadora como uma alternativa mais rentável ou de maior realização.

Muitas delas relataram que foram incentivadas por amigos e conhecidos próximos e até mesmo por outros profissionais do meio que identificaram seus talentos com desenho. Esse apoio inicial foi fundamental e decisivo para que elas persistissem na carreira, uma vez que a insegurança e o medo de errar era muito forte para algumas. Com a prática do ofício, percebeu-se que além da aptidão técnica, a profissão demanda habilidades de relacionamento interpessoal, pois existe um envolvimento constante e intenso com o cliente, que vai desde o processo da criação até o momento de tatuar na pele, o qual muitos clientes utilizam para contar histórias e desabafos relacionados ao significado da tatuagem.

Notou-se, também, que existe certa facilidade de inserção nesse mercado, pois uma parte delas conseguiu oportunidades em grandes estúdios da cidade e outra parte iniciou o ofício em suas próprias casas.

Para verificar como a tatuadora assimila sua vida profissional, a partir do modelo ideal

e o real da profissão, segundo objetivo específico desse trabalho, foi questionado como as entrevistas imaginavam que seria a profissão e quais as atividades que praticam na realidade, além das dificuldades e incômodos que lidam no cotidiano.

Observou-se que os estigmas da profissão construídos ao longo dos anos ainda são muitos presentes na sociedade e que em alguns estúdios da cidade, os mais tradicionais, tendem a reforçar alguns estereótipos. Segundo o que foi relatado, a imagem do profissional tatuador ainda é muito atrelada à “agressividade”, ao homem tatuado, ao estilo *punk rock* e a ilustrações de caveiras e afins. No entanto, algumas tatuadoras disseram que ao adentrar na atividade, conheceram muitos profissionais que buscam fugir desse modelo convencional.

Existia, também, uma ideia glamourizada da profissão no modelo idealizado pelas entrevistadas. De início, algumas acreditavam que teriam um vasto e rápido retorno financeiro e que seria uma rotina bem menos exaustiva. Segundo elas, é preciso bastante treinamento para se destacar na profissão e que pelo fato de serem mulheres, algumas sentem que os esforços para conquistar visibilidade no meio tem que ser redobrados. Além disso, elas perceberam que o cotidiano vai muito além do tatuar em si, é preciso lidar com atividades de biossegurança e limpeza, de gerenciamento de matérias, e principalmente, das redes sociais para promover seus trabalhos e se relacionar com seus clientes. Relatou-se, ainda, que o processo de criação é uma das atividades que mais ocupa o tempo, o que para algumas é o momento mais cansativo e estressante, mas para outras representa o prazer da profissão.

Dentre as dificuldades relatadas, a maioria estava atrelada ao machismo e a subestimação. Principalmente por parte dos clientes, as tatuadoras notam que existe uma falta de credibilidade e valorização do trabalho feminino nesse meio. Em virtude disso, muitas delas dizem preferir ou que naturalmente tatuam mais mulheres e pessoas LGBT por se sentirem mais confortáveis com esse público. Foram relatados também alguns casos de discriminação por parte de outros profissionais, tanto de não oferecer mais ajuda ao perceber que a tatuadora estava evoluindo no trabalho, como de menosprezar a capacidade de desenvolver tatuagens mais complicadas.

Por fim, o último objetivo específico buscava entender qual a percepção da tatuadora sobre sua carreira e sobre sua identidade profissional após o abandono de estereótipos. Através dos relatos, percebe-se que a maioria das tatuadoras busca criar uma rede de apoio entre elas para vencer as barreiras encontradas no exercício dessa profissão. À medida que se desvinculam dos estereótipos e quebram tabus, elas planejam e constroem carreiras grandiosas e modelam suas identidades profissionais. As entrevistadas relataram que desejam ser identificadas pela arte e atendimento, e que almejam viajar, seja para o aperfeiçoamento

em cursos e eventos, seja para trabalhar temporariamente em estúdios de outras cidades ou ainda para trilhar uma carreira internacional. Algumas vinculam, ainda, o seu crescimento profissional à ampliação dos seus estúdios ou do público que atendem.

O presente estudo demonstrou, portanto, que a socialização profissional de tatuadoras é marcada por estigmas e dificuldades, mas que o mercado de tatuagem tem expandido cada vez mais o espaço para tatuadoras e as próprias mulheres que já atuam nesse meio estão lutando por uma maior valorização do trabalho feminino, conquistando, aos poucos, reconhecimento e tornando o mercado ainda mais propício para outras que irão optar por seguir essa carreira.

É importante evidenciar que a presente pesquisa lidou com algumas limitações como a pouca quantidade de trabalhos acadêmicos e estudos estatísticos sobre a atuação de tatuadoras no país. Ressalta-se, no entanto, que esse trabalho pode contribuir para futuras pesquisas sobre a questão, por exemplo, do empreendedorismo nessa carreira. E, além disso, contribuir para estudos com outras profissões que tenham também cunho artístico.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. **Cleaning up the dirty work: Professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries.** *Deviant Behavior*, v. 33, n. 3, p. 149-167, 2012.
- ARAÚJO, Rafaela de Almeida, CATRIB, Isabella Carneiro. **Arte na pele: construção da identidade profissional e estigma de mulheres na profissão tatuadora.** XLII Encontro da ANPAD – EnANPAD, São Paulo, 2019.
- ARAÚJO, Sthefania Darling Gonçalves de. **Tatue com ela: campanha de divulgação e apoio à mulheres tatuadoras.** 2019. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- ASSUNÇÃO, Larissa Aguilar de. **Os horizontes femininos do trabalho: do chão de fábrica ao teto de vidro.** 2018. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação da Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- BACCARO, Thais; SHINYASHIKI, Gilberto. **Consistência da escolha vocacional e socialização profissional de estudantes de enfermagem.** *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. 12. 73-82, 2011.
- BARROS, Alice Monteiro de. **Cidadania, relações de gênero e relações de trabalho.** *Revista do Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região*, Belo Horizonte, v. 47, n. 77, p. 67-83, jan./jun. 2008.
- BERGER, Peter L. ; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 22ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- CCR GESTÃO DE COMUNICAÇÃO. **Mulheres são destaque em concursos de tatuagem do 7º Tattoo Show RS.** 2017. Disponível em: <http://www.ccrgestaodecomunicacao.com.br/index.php/2017/04/11/mulheres-sao-destaque-em-concursos-de-tatuagem-do-7o-tattoo-show-rs/>. Acesso em: 14 outubro 2019.
- COELHO, Nicolau Rafael Guimarães. **O trabalho da mulher e a proteção a maternidade.** 2016.102 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- COLLIS, Jill.; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação.** 2ª ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DE MELO, M. M. R.; VALLE, I. R. **Socialização e socialização profissional: interface entre forjar e negociar outro ser.** *Roteiro*, v. 38, n. 1, p. 79-102, 2013.
- DELUCA, Gabriela. **“Você só tatua?”: A trajetória profissional no campo da tatuagem.** 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. **A inserção da mulher no mercado de trabalho da região metropolitana de Fortaleza.** Pesquisa de Emprego e Desemprego. DIEESE, 2017.

DUBAR, C. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia.** 6ª ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

FARLEY, C. L.; VAN HOOVER, C.; RADEMEYER, C. **Women and Tattoos: Fashion, Meaning, and Implications for Health.** Journal of midwifery & women's health, 2019.

FRIEDMAN, R., Antoine, D., Talamo, S., Reimer, P. J., Taylor, J. H., Wills, B., & Mannino, M. A. **Natural mummies from Predynastic Egypt reveal the world's earliest figural tattoos.** Journal of Archaeological Science, 92, 116–125, 2018.

GIMENEZ, Luna Pereira. **A mulher contemporânea e o feminino: um estudo com mulheres inseridas no mercado de trabalho.** 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

GONTIJO, Míriam Rabelo; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. **Da inserção ao empoderamento:** análise da trajetória de diretoras de instituições privadas de ensino superior de belo horizonte. REAd. Rev. eletrôn. adm. (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 23, n. spe, p. 126-157, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141323112017000400126&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 outubro 2019.

HUGHES, E. C. **Men and their work.** Louisiana: Quid Pro Books. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Estatísticas de gênero:** indicadores sociais das mulheres no Brasil. Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>. Acesso em: 14 outubro 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEADER, Karen. **“On the book of my body”:** Women, Power, and “Tattoo Culture”." Feminist Formations, vol. 28 no. 3, 2016, p. 174-195. Project MUSE.

LIMA, Camila Rodrigues Neves de Almeida. **Gênero, trabalho e cidadania:** função igual, tratamento salarial desigual. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 26, n. 3, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 outubro 2019.

MANGANELLI, Anelise. **A mão invisível no teto de vidro.** 123 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós Graduação em Economia do Desenvolvimento - Faculdade de

Administração, Contabilidade e Economia, PUCRS, Porto Alegre, 2012.

MEDEIROS, Priscilla Brandão. **A inserção das mulheres em postos de trabalho marcados pela lógica masculinizante: uma análise com as mototaxistas de Caicó/RN.** 2015. 196 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – PPGSS, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

MEIRELES, Débora Chaves. **Gênero e mercado de trabalho no Brasil.** 2018. 152 f. Tese (Doutorado em Economia – Área de concentração: Economia do Trabalho) – Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MONTEIRO, Helena Maria Diu Raposo. **Mulher, trabalho e identidade: relatos de mulheres em cargos de poder e prestígio sobre suas trajetórias profissionais.** 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

OKSANEN, A.; TURTIAINEN, J. **A life told in ink: Tattoo narratives and the problem of the self in late modern society.** Auto/biography, v. 13, n. 2, p. 111, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT; MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO – MPT. **Assédio sexual no trabalho: perguntas e respostas.** Brasília, 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO- OIT. **Mulheres no Trabalho: tendências 2016.** International Labour Office – Geneva: OIT, 2016.

PIMENTEL, Thais. **Com agendas lotadas, tatuadoras ganham cada vez mais espaço em BH.** 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/com-agendas-lotadas-tatuadoras-ganham-cada-vez-mais-espaco-em-bh.ghtml>. Acesso em: 14 outubro 2019.

RODRIGUEZ, L. S.; CARRETEIRO, T. C. O. C. **Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil.** Psicologia & sociedade, v. 26, n. 3, 2014.

SANTOS, Lua. **Tatuagens com mulheres: a relação entre tatuadoras e sua arte vai além de estereótipos.** Elas comandam a máquina de tatuar com estilo e habilidade. Disponível em: <https://especiais.opovo.com.br/tatuagenscommulheres/>. Acesso em: 02 outubro 2019.

SILVEIRA, Daniel. **Mulheres são destaque em feira de tatuagem no Centro do Rio.** Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/01/mulheres-sao-destaque-em-feira-de-tatuagem-no-centro-do-rio.html>. Acesso em 14 outubro 2019.

SPUDEIT, D.; CUNHA, M. V. **O processo de socialização na construção da identidade dos bibliotecários em Santa Catarina.** Em Questão, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p.56-83, set/dez. 2016.

SWAMI, V.; FURNHAM, A. **Unattractive, promiscuous and heavy drinkers: Perceptions of women with tattoos.** Body Image, v. 4, n. 4, p. 343-352, 2007.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Educação & Sociedade, Campinas, ano 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>. Acesso em: 7 outubro 2019.

THOMPSON, B. Y. **Women covered in ink: tattoo collecting as serious leisure.** International Journal of the Sociology of Leisure, p. 1-15, 2018.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em Administração.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 15ª ed. São Paulo: Atlas, 2014.

ZANELLI, J. C.; BORGES -ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA ÀS TATUADORAS

BLOCO 1 - PERFIL DA ENTREVISTADA

Idade?

Estado Civil?

Tempo de profissão?

Possui alguma formação acadêmica?

Qual o estilo de tatuagem que trabalha?

Qual perfil dos clientes que atende?

BLOCO 2 – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS OBJETIVOS

PASSAGEM ATRAVÉS DO ESPELHO

1. O que despertou seu interesse (motivação) em ser tatuadora? Qual a razão da escolha para esse ofício?
2. Quais aptidões e habilidades você possuía e que achava serem necessárias para o exercício dessa profissão?
3. Como foi sua experiência no início do exercício da atividade de tatuadora?

INSTALAÇÃO DA DUALIDADE

7. Antes de se tornar tatuadora, como você imaginava que seria a prática da profissão?
8. Você já tinha algum contato prévio com a profissão? Havia alguém de seu círculo familiar ou de amigos que era tatuador?
9. Para você, o que significa exercer a profissão de tatuadora?
10. Descreva suas atividades de trabalho como tatuadora.
11. Você enfrentou ou enfrenta alguma dificuldade no exercício de sua profissão? Se sim, quais?
12. Como foi e como é a sua relação com os colegas tatuadores homens? Como você foi e como é vista e tratada por eles?
13. Percebe alguma diferença na forma como é vista pelos clientes, comparado a tatuadores homens?
14. Você pensou em desistir da profissão? Se sim, por quê?
15. O que mais lhe incomodava ou incomoda na sua rotina como tatuadora?
16. Você sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito dentro da profissão por ser mulher?

AJUSTE DA CONCEPÇÃO EM SI

17. Ao iniciar na profissão, quais eram suas expectativas? O que mudou em relação às primeiras expectativas?
18. Você considera que incorporou um modelo profissional? Se sim, como seria?
19. Qual a sua percepção sobre representatividade feminina no mercado de tatuagem?
20. Como você vê sua carreira e as possibilidades de crescimento?